

A COLONIZAÇÃO AGRÍCOLA HOLANDESA NO ESTADO DE SÃO PAULO

- HOLAMBRA I -

(Contribuição à Geografia do Povoamento do Estado  
de São Paulo)

Agradecimentos especiais  
à FAPESP, sem a colabora  
ção da qual não teria si  
do possível a execução  
dêste trabalho.

ADILSON AVANSI DE ABREU

São Paulo, Novembro

1970

"A COLONIZAÇÃO AGRÍCOLA HOLANDESA NO ESTADO DE SÃO PAULO-  
HOLAMBRA I"

(Contribuição à Geografia do Povoamento do Estado de S. Paulo)

I- INTRODUÇÃO

- A. A iniciativa da pesquisa no quadro da imigração paulista
- B. A emigração holandesa e seu interesse para o Brasil
- C. Justificativa da escolha e discussão de problemas
- D. A abordagem e as técnicas de pesquisa

II-HOLAMBRA: CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRIMÁRIAS

- A. Situação geográfica da colônia e análise comparativa das estruturas fundiárias regionais
- B. Os fundamentos econômicos da comunidade
  1. A criação animal
    - a. A avicultura
    - b. A criação de bovinos
    - c. A suinocultura
  2. As atividades agrícolas
    - a. As culturas temporárias
    - b. As culturas permanentes
  3. Os rendimentos e as técnicas agrárias

III-A COMUNIDADE DE ORIGEM HOLANDESA E SUA ORGANIZAÇÃO

- A. O equipamento técnico-cultural
  1. A estrutura demográfica
  2. A população nacional presente no núcleo
  3. A Cooperativa e a Igreja na estruturação da comunidade
  4. As relações entre as comunidades holandesa e nacional

IV- A ORIGEM E O PROCESSO EVOLUTO DO NÚCLEO COLONIAL

- A. A escolha do sítio e as estruturas da paisagem
  1. As formas do relevo
  2. A situação climática
  3. O recobrimento vegetal
  4. Os solos e as etapas de sua utilização

B. O estabelecimento e a evolução do núcleo

1. A origem da população e motivação da migração
2. Estabelecimento e crise da colônia
3. A recuperação e a evolução posterior

C: O uso do solo e a tipologia do povoamento

V- CONCLUSÃO

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

A. INICIATIVA DA PESQUISA NO QUADRO DA IMIGRAÇÃO  
PAULISTA

A execução do presente trabalho prende-se a um plano mais amplo que foi esboçado pelo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, em 1967.

Naquela data iniciou-se, através daquele órgão, um levantamento das fontes primárias para o estudo da colonização agrícola, não portuguesa, no Brasil.

Tendo-se em vista a importância do contingente europeu, que a partir do século passado instalou-se no Sul do Brasil é bastante fácil entender-se, dentro de um quadro de pesquisas interessando à Geografia esta iniciativa (1).

Por outro lado as diferentes formas de estabelecimento desses europeus no Sul do país acarretaram uma diversidade na elaboração da economia e das paisagens do Brasil Meridional.

Deve-se acrescentar ainda que a colonização agrícola com imigrantes estrangeiros representa um tipo de ocupação do solo com certos objetivos, que face a estímulos diferentes, frutos das diversidades regionais do Sul do Brasil evoluíram de formas diversas em São Paulo e nos demais Estados meridionais.

Convém lembrar, igualmente, que em São Paulo a imigração européia apresentou características próprias, no que se refere a organização de núcleos de colonização agrícola, os quais, se no Sul foram a regra, em São Paulo quase que definiram uma exceção, embora tivessem, também, importante papel na formação da paisagem agrária, especialmente em certas áreas.

É evidente que, se em nosso Estado este tipo de colonização foi menos expressivo, frente ao grupo imenso de imigrantes que se voltaram para as grandes fazendas

de café, como parceiros inicialmente e assalariados depois, nem por isso sua influência deixou de se manifestar. Contudo, é exatamente esta faceta da imigração européia para São Paulo que menos estudo recebeu e que só últimamente vem sendo motivo de interesse por parte dos geógrafos.

Não se deve esquecer que a imigração européia para São Paulo foi quase sempre dirigida, pelo Estado ou por particulares, refletindo uma preocupação em relação à mão de obra e à diversificação da agricultura, fatos vivos que caracterizaram as preocupações de todos durante o século XIX e inícios de século XX.

Essa motivação, porém, não canalizou em todas as oportunidades seus objetivos em uma mesma direção nem foi sempre bem sucedida em seus esforços para atrair os imigrantes necessários ao Estado. Diversas tendências foram definidas, conforme o momento.

Em face dos sucessos e malogros de cada uma dessas iniciativas pode-se distinguir, grosso modo, pelo menos quatro épocas na imigração para São Paulo:

1ª - 1827 a 1840

É a fase inicial da imigração, patrocinada pela Província, baseada em imigrantes originados em diversos Estados Alemães e que foram estabelecidos em núcleos coloniais, entre os quais cumpre salientar o de Santo Amaro.

Este movimento teve expressão apenas em seus primeiros anos, logo depois a Província pede ao governo central a suspensão da entrada de imigrantes por falta de recursos.

2ª - 1840 a 1870

A imigração é retomada em escala considerável, baseada no sistema de parceria, idealizado pelo Senador Nicolau Vergueiro e executado pela primeira vez em sua fazenda da Ibicaba, Limeira. Os imigrantes entrados neste período são especialmente de origem germânica (alemão).

e suíços alemães, notadamente) (2).

O sistema de parceria desenvolveu-se grandemente com a lavoura cafeeira e a êle prende-se a maior parte dos imigrantes recebidos pela Província neste período, os quais passaram a constituir um número expressivo de trabalhadores rurais ligados às fazendas de café, onde vieram a substituir a mão de obra escrava.

Esta fase entra em declínio a partir de 1857 com a revolta na Fazenda Ibicaba dos colonos lá estabelecidos, tão bem descrita por Davatz (3), de livro reeditado em 1954 com excepcional comentário de Sérgio Buarque de Holanda, o qual aborda com grande argúcia os problemas ligados a êste tipo de colonização, bem como os reflexos que êle deixou em São Paulo. Também interessantes são as observações feitas por Tchudi (4) e Perret-Gentil (5), diplomatas suíços que percorreram as regiões afetadas por êstes problemas.

A revolta em Ibicaba teve sérias consequências na Europa e, entre outros fatos, contou para a promulgação da legislação de 1859 (Rescrito von der Heydt), proibindo a imigração prussiana para o Brasil.

### 3º - 1870 até a II Guerra Mundial

É a época da grande imigração para São Paulo, com predomínio absoluto dos imigrantes latinos em geral e dos Italianos em particular, destinados ao trabalho assalariado nas fazendas de café.

Porém, surgem novamente as preocupações de diversificação da lavoura e com ela as idéias voltadas para a instalação de núcleos coloniais (os quais poderiam, ainda, funcionar como reserva de mão de obra para a grande lavoura em épocas de necessidade), o que se concretiza com a fundação de numerosos estabelecimentos de colonização agrícola em diversas áreas do Estado, havendo, contudo, uma grande incidência de iniciativas na Média Depressão Paleozóica paulista.

Deve-se observar a esta altura, que tanto os

imigrantes entrados na segunda como na terceira fase muitas vezes evoluíram em seguida abandonando suas colônias de parcerias ou fazendas de café, onde eram assalariados, depois de conseguir certo pecúlio para instalar-se em núcleos rurais através da compra de fazendas e sua divisão em lotes, ou a aquisição direta de sítios, que, guardadas as devidas proporções, lembram os núcleos de colonização européia do Sul do Brasil (6).

#### 4ª - 1945 até os dias atuais

Pode ser caracterizada pela definição, neste período, de iniciativas particulares, apoiadas pelo governo nacional e dos países emigrantistas interessados, visando a colocação de imigrantes em núcleos coloniais, através de um processo altamente dirigido. É evidente que ao lado desse tipo de imigração, continuou existindo um fluxo interessando inclusive um número maior de indivíduos de diferentes nacionalidades, que se destinou aos centros urbanos; são, porém, estas iniciativas no campo da colonização um dos elementos para a caracterização desta nova fase. Nesta época deve-se destacar iniciativas interessando à Itália, com a fundação de Pedrinhas, núcleo colonial peninsular situado a SW de Assis, e aos Países Baixos, com a instalação de Holambra I e II, sendo que o primeiro núcleo estabeleceu-se em uma área (proximidade de Campinas), onde a presença de europeus como colonos de parceria, assalariados ou pequenos agricultores em núcleos coloniais já se fazia sentir desde o século passado (7 e 8).

Constata-se, desta forma, que Holambra participa na estruturação da região com uma nova faceta de fatos ligados à colonização agrícola com imigrantes europeus, os quais moldaram muitos aspectos da organização agrária desta área do Estado de São Paulo.

Holambra é, de certa forma, a etapa mais recente em um processo que, iniciando-se no século passado, explica a presença atual de europeus e seus descendentes na Média Depressão Paleozóica paulista.

Contudo nosso objetivo não foi fazer um estudo desses velhos núcleos coloniais e Holambra I, mas apenas deste último, uma vez que os meios que dispunhamos, aliados à nossa pouca experiência dificilmente nos permitiriam executar, a contento, um trabalho pelo menos razoável de todo esse complexo quadro geográfico.

É evidente, por outro lado, que o estudo de Holambra somado aos já existentes de outros núcleos coloniais e áreas povoadas por agricultores de origem européia e asiática no Estado de São Paulo (9 e 10), poderá, aos poucos, permitir a formação de um quadro geral da colonização agrícola com imigrantes estrangeiros em terras bandeirantes.

#### B. A EMIGRAÇÃO HOLANDESA E SEU INTERESSE PARA O BRASIL

Se Holambra I surge como fato extremamente importante no campo da colonização no Sul do Brasil, face a seu sucesso e ao papel que desempenha no quadro regional paulista, desponta, também, como o mais importante estabelecimento de imigrantes holandeses em grupo nos últimos anos em todo o mundo. É bastante importante, aliás, ressaltar-se este aspecto, ou seja, o papel de Holambra no quadro da moderna emigração neerlandesa.

Antes de mais nada convém registrar que as populações dos Países Baixos participaram e participam ainda de maneira muito importante no movimento migratório internacional, face a seu grande crescimento demográfico e as características particulares do país, agravadas em certo momento pelos danos causados pela II Guerra Mundial e perda das Índias Orientais, com o conseqüente repatriamento de milhares de pessoas. Entre os anos de 1945 e 1954 cerca de 215 472 cidadãos deixaram a Holanda dirigindo-se para o exterior, com a seguinte destinação (11):

Canadá	98 369	Brasil	2 683
Austrália	56 913	Argentina	880
Estados Unidos	20 343	Rodésia	370
República Sul Africana	20 064	Outros	2 038

O Brasil está, portanto, em um plano nitidamente secundário no conjunto da emigração neerlandesa, contudo êle representa um papel extremamente importante em alguns aspectos dêsse movimento. Examinando essa massa demográfica que deixou a Holanda, verifica-se que ela se destina basicamente aos países da "Commonwealth", sendo uma imigração de indivíduos isolados, na medida que seu estabelecimento é feito de maneira particular e independente uns dos outros. Nêsse conjunto porém, há uma corrente de emigração organizada, estabelecendo-se as pessoas em grupos eficientemente estruturados, que se destaca no quadro geral da emigração holandesa; esta corrente tem um destino certo: o Brasil, que surge como praticamente o único país a receber, no pós-guerra, imigrantes para serem localizados em núcleos agrícolas.

É interessante constatar que logo depois do segundo conflito mundial, muitos pronunciaram-se na Holanda em favor dêste tipo de emigração como sendo o único que satisfaria os interesses do indivíduo e dos Países Baixos, porém esta modalidade não vingou em relação à grande maioria dos emigrantes, uma vez que a maior parte dos países de destinação pronunciaram-se contra êste tipo de imigração — especialmente o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia — sob a alegação de que esta forma encorajaria a formação de minorias étnico-culturais, as quais poderiam apresentar problemas de aculturação e relacionamento com o restante da população do país que os acolhesse (12).

Neste quadro geral é que surge o Brasil como sendo o principal país — na prática o único — a receber imigrantes neerlandeses em grupos no pós-guerra.

Se no quadro geral da emigração holandesa essa corrente dirigida de indivíduos que se estabelecem em grupos foge à regra, ela não é, entretanto, um fenômeno novo. A história registra o estabelecimento de holandeses em grupo no século XII e XIII em Bremen, no século XVI na Dinamarca, nos séculos XVII e XVIII na África do Sul (boers) e Ceilão (burghers), no século XIX no Suriname e nos Estados

Unidos. Contudo se não foi um fenômeno novo, envolveu sempre, com exceção da África do Sul, um número reduzido de pessoas, definindo também nessas ocasiões a exceção e não a regra no conjunto da emigração holandesa.

Em meados da década de 1960, existiam no mundo todo, cerca de 14 colônias holandesas, distribuídas da seguinte forma:

Núcleos	País
Arapoti	Brasil
Carambeí	"
Castrolanda	"
Holambra I	"
Holambra II	"
Monte Alegre	"
Não-Me-Toque	"
Tijuquinhas	"
Tronco	"
Châtillon-Coligny	França
Touraine	"
Yone	"
Kingston	Austrália
Tres Arroyos	Argentina

O Brasil representa, portanto, o principal país para onde se dirige a emigração holandesa em grupo, sendo sua importância reforçada, ainda mais se registrarmos que das cinco colônias fora de terras nacionais, duas delas são muito anteriores à II Grande Guerra (Tres Arroyos e Yone), além do que das três restantes apenas Kingston, ao sul de Hobart, tem certa importância, possuindo em 1962 aproximadamente 500 habitantes.

As colônias holandesas no Brasil distribuíam-se em 1966 (fig. 1), pelos quatro Estados do Brasil Meridional, concentrando-se em São Paulo e Paraná, todas estabelecidas após 1945, com exceção de Carambeí, que remonta aos fins do século passado e início do atual, evidenciando que se a imigração holandesa para o Brasil registra uma história de mais de meio século, só nos últimos 25 anos ela se organizou de maneira a se fazer sentir em termos de paisagens, relações econômicas, sociais e culturais.

É bem verdade que entre todo o contingente de imigrantes recebidos pelo Brasil, os neerlandeses aparecem de maneira modesta em termos de quantidade, podendo a história desta imigração ser caracterizada em duas fases(12), a primeira das quais compreendendo o período de 1899 a 1940, no qual recebemos cerca de 8 000 indivíduos, a maioria dos quais entre 1903 e 1914, devendo-se registrar no fim desta época uma greve no porto de Rotterdam, a qual provocou o desemprego dos doqueiros, muitos dos quais se dirigiram para o Brasil. Esta fase caracterizou-se pela imigração espontânea, surgindo neste período o núcleo de Carambeí, no Paraná.

A legislação definida pelo governo em meados da década de 1930, no campo da política imigratória, proibindo a imigração em grupos, fixou também o número de holandeses que poderiam entrar anualmente no país: 151. Na realidade, porém, naquele instante, estas medidas praticamente não atingiram os imigrantes provenientes dos Países Baixos, uma vez que já desde 1914, o número de imigrantes portadores daquela nacionalidade não atingia aquela quota.

A segunda fase da imigração interessando aos neerlandeses veio a se caracterizar a partir do fim da II Guerra Mundial. Já no período bélico, em 1943, o governo holandês voltou-se para o problema da emigração que teria pela frente no pós-guerra. Formou-se, então, em Londres, uma comissão para promover a emigração holandesa no período post-bélico e entre os países escolhidos para estudo, quanto à estas possibilidades, figurava o Brasil, que acabou recebendo um parecer favorável. Foi nomeado, então, um adido holandês para imigração no Brasil, o qual efetuou levantamentos, especialmente nos Estados do Sul, concluindo pela viabilidade do estabelecimento de holandeses em nosso país.

O governo do Estado de São Paulo mostrou-se particularmente interessado no recebimento de agricultores holandeses, que teriam amplas possibilidades no abastecimento da metrópole paulistana em produtos horti-granjeiros,

acenando com a possibilidade de um empréstimo para o financiamento desta iniciativa.

Retornando aos Países Baixos, êste adido entrou em contacto com a "Kathoelieke Nederlandse Boeren en Tui dersbond", liga de agricultores católicos, que mostrava interesse em relação aos planos referentes ao estado bandejante. É interessante ressaltar a esta altura, êste aspecto da emigração holandesa, ou seja sua eficiente organização e planejamento, que acaba se refletindo em altos padrões de imigrantes, dificilmente encontrados em outros grupos. Deve-se também acenar para os aspectos culturais desses grupos, que se refletem na definição de associações católicas e protestantes de agricultores, voltadas para a busca de possibilidades agrárias no exterior.

É fato conhecido, aliás, a intenção manifestada por muitos camponeses holandeses em não perder êste status, recusando-se a partir para uma situação de assalariados no setor secundário ou terciário, daí o papel importante que estas associações mencionadas acima definem no movimento emigrantista de agricultores, explicando, por outro lado a existência de núcleos coloniais católicos e protestantes, de acôrdo com o credo do imigrante.

Entretanto definido o interesse holandês e a receptividade brasileira havia um impedimento de ordem legal, consubstanciado na legislação dos anos trinta, especialmente pela disposição manifestada por êstes agricultores em estabelecer-se em grupos. Era necessário um entendimento entre os dois países interessados e a definição de um convênio que superasse êstes problemas. As discussões começaram em 1948, encerrando-se em 1950, com a assinatura de um acôrdo neerlandês-brasileiro sobre imigração, o qual reconheceu ambos os tipos: a espontânea e a dirigida, fazendo uma distinção entre os empreendimentos agrícolas e os industriais, estipulando que a área a ser povoada com os colonos deveria fazer parte de um núcleo, regulando, através de porcentagens, as diversas possibilidades quanto a sua composição, em relação aos elementos nacionais e estrangeiros.

Iniciou-se, assim, a nova fase da imigração holandesa para o Brasil, caracterizando-se agora como um pro

cesso altamente supervisionado e dirigido. As primeiras colônias surgiram logo: Holambra I (1948), Monte Alegre (1949) e Castrolanda (1951).

Nesta nova fase a emigração torna-se mais contínua e regular, embora envolvendo ainda um pequeno contingente demográfico; do fim da década de 40 até hoje entraram em nosso país cerca de 4.000 neerlandeses. Esses números reduzidos devem-se a diversos fatores entre os quais Hack (12) assinala como sendo dignos de maior destaque:

1º) Falta de informações sobre o Brasil, uma vez que nosso governo não se faz presente na Holanda através de um bem orientado serviço de divulgação;

2º) Dificuldades que um imigrante holandês, agricultor ou não, encontra no país em face aos tipos completamente diversos de vida e cultura;

3º) Dificuldades financeiras.

### C. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA E DISCUSSÃO DOS PROBLEMAS

A escolha de Holambra I para estudo prende-se a considerações de ordens diferentes, devendo, ser sublinhadas aquelas ligadas ao grande desenvolvimento que este núcleo alcançou nas duas décadas que se seguiram à sua instalação, o que pode ser avaliado facilmente através dos seguintes dados:

a) o grande crescimento econômico, o qual pode ser comprovado pelas cifras correspondentes ao valor da produção comercializada em diferentes anos; enquanto em 1950 este valor foi de 112 179 dólares norte-americanos, para 1964 registrou-se a importância de 1 122 240 dólares. Em outras palavras pode-se dizer que, enquanto em 1950 cada propriedade, em média, obteve 911 dólares com a comercialização de sua produção, em 1964 cada agricultor conseguiu levantar 9 123 dólares com a venda de seus produtos, ou seja, em menos de quinze anos houve uma decuplicação dos lucros obtidos (13).

b) a grande produtividade e diversidade das pe—

quenas propriedades rurais, uma vez que em 1965 a produção total do núcleo atingiu os seguintes valores:

ovos	1 087 470	dúzias
aves	319 640	quilos
milho	56 000	sacas
arroz	11 700	sacas
algodão	22 050	arrobas
mandioca	20 000	toneladas
laranjas	151 200	caixas
soja	11 700	sacas
cará	120	toneladas
carne de porco	7 000	arrobas
leite	50 000	litros.

A isto deve-se acrescentar, desde já, o fato de la estar localizada em uma mancha de vegetação aberta, na Média Depressão Permo-carbonífera Paulista, o que vem tornar ainda mais interessante seu estudo. Já Waibel (14) levantou este problema, observando que serão de grande importância do ponto de vista nacional, as observações que a colonização holandesa em terras de campo e cerrados permitirão fazer, quanto à sua utilização agrária face à conhecida idéia, comum não só ao Brasil como a toda América tropical, de que as terras de matas devem ser reservadas à agricultura, enquanto as terras de campos deverão, basicamente, ser utilizadas pela pecuária. A importância disto aumenta se acrescentarmos que quase a metade do Brasil é ocupada por formas de vegetação não florestais.

O sucesso desta experiência justifica naturalmente seu estudo, inclusive para subsídios de novas tentativas de colonização em outras áreas do Brasil, que se volta cada vez mais para as necessidades de ocupação de amplos espaços vazios ou insuficientemente valorizados.

Por outro lado há três tipos de problemas que não podem ser colocados de lado na abordagem deste tema:

1º) A questão ligada ao aspecto da homogeneidade étnica na colonização agrícola com imigrantes estrangeiros. Quanto a este problema pode-se arrolar muitos argumentos prós e contra. No caso específico de Holambra quase todos os colonos são unânimes em reconhecer que a homogeneidade do núcleo prejudica sua integração na comu-

nidade paulista e faz com que o processo de aculturação seja relativamente lento.

Contudo, a facilidade de comunicações decorrentes da localização da colônia, provavelmente não permitirá a definição de um dos tão discutidos "quistos raciais".

Além disso, a própria composição dos núcleos etnicamente homogêneos pode ser discutida: qual o mais favorável - latino, germânico, eslavo ou asiático? Em nosso Estado tivemos exemplos de quase todos e poder-se-ia fazer um estudo comparativo, o que evidentemente acabaria por escapar ao objetivo deste trabalho, embora não possamos nos desligar totalmente destes fatos.

2º) Os problemas ligados ao Decreto Lei nº 494 de 10/3/1969, que regulamenta a posse da terra por estrangeiros no país. Segundo esta lei nenhum estrangeiro poderá possuir uma superfície de terra que ultrapasse certa porcentagem da superfície total do município no qual se localiza. Sem entrar na discussão da oportunidade ou não desta legislação deve-se lembrar, pelo menos, que tendo sido baixada visando especificamente as imensas áreas do Brasil Central e Amazônia, onde os municípios são imensos — frequentemente maiores que certos países e mesmo Estados da Federação Brasileira — ela acabou atingindo empreendimentos do tipo Holambra, uma vez que em São Paulo o processo de fragmentação administrativa tem ocasionado uma diminuição constante das superfícies municipais.

3º) As discussões referentes ao apoio governamental que este tipo de iniciativa deve ter. Até que ponto interessa ao governo e à comunidade nacional a instalação deste tipo de empreendimento? Até que ponto os capitais investidos em iniciativas desta natureza dariam os mesmos resultados, se baseados em colonos nacionais?

É evidente que quaisquer respostas dadas a estas indagações estariam ligadas à posições políticas, contudo, pode-se perfeitamente constatar que colonos do padrão técnico-cultural do grupo instalado em Holambra dificilmente se-

riam encontrados no território nacional, sendo que qualquer iniciativa com nacionais deveria partir da base, ou seja da instrução do colono, o que poderia tornar o empreendimento não só mais caro como também devendo prever um lapso de tempo maior para a obtenção dos primeiros resultados positivos.

Poder-se-ia também contra argumentar dizendo-se que o empreendimento com colonos nacionais não traria problemas ligados ao processo de aculturação e os riscos da definição de "quistos raciais", facilitando-se ainda mais, a divulgação de novos métodos e técnicas agrárias pela facilidade de contactos com as comunidades vizinhas. Este, sim, parece ser um ponto fundamental, uma vez que em Holambra pode-se verificar, claramente, ser ainda muito reduzida sua influência nas comunidades vizinhas, o que é inclusive refletido na própria fotografia aérea tomada da região. O limite da área ocupada pelos neerlandeses é nítido, quase podendo-se mapear com segurança, a área ocupada por estes — onde acabam os terrenos cultivados em curva de nível e parcelas geomêtricamente dispostas, começam os solos cultivados por agricultores nacionais.

Contudo não se pode negar que também se registram inovações técnicas nas áreas cultivadas por brasileiros na periferia de Holambra, porém até que ponto isto é um reflexo da presença holandesa? Esta melhoria não teria ocorrido também em sua ausência, dadas as condições da área e seu relacionamento com os centros vizinhos, especialmente Campinas? É provável que este segundo fato seja tão importante quanto a presença de Holambra ou mesmo mais.

Sendo este trabalho voltado para a Geografia da Colonização no Brasil, é natural que envolva uma perspectiva na situação do termo colonização. Deve-se lembrar, antes de mais nada, que os vocábulos colônia e colonização derivam do latim "colo", o qual significa lavar o solo, cultivar, plantar, beneficiar terras, habitar ou residir. Desta forma a expressão "colônia" (além do sentido militar)

era usada para as regiões que recebiam novos povoadores, cada um dos quais era denominado "colonus" (Daí deriva a expressão colono em português e o vocábulo "Kolonist", de uso corrente entre os imigrantes de origem germânica).

Sorre (15) encara a colonização como "forma evoluída, definitiva de migração de grupos organizados ou de frações, deslocando-se por seus próprios meios, sem limite de espaço, com ou sem fundação de novos estabelecimentos", dando-lhe, portanto, um sentido bastante amplo.

Waibel, voltando-se para o caso específico do Brasil, em face dos imigrantes europeus, encara "por colonização européia o estabelecimento de europeus em pequenos lotes de terra que êles exploram sem o auxílio de qualquer mão de obra estranha". Trata-se, desta forma da instalação de pequenas propriedades rurais de tipo europeu no solo brasileiro (14).

Hack (12) estudando a situação dos imigrantes holandeses no Brasil, em trabalho para o "Research Group for European Migrations Problems" prefere distinguir o estabelecimento dêstes em núcleos coloniais, em áreas consideráveis, pouco ou mesmo inexploradas, como um dos critérios para se falar em colonização (16), embora prefira o termo "group migrations" igualmente utilizado por Van der Mast (17), o qual discute os diferentes tipos de migração e o sentido do vocábulo colônia, ligado às migrações em grupo (18).

Se a abordagem de Sorre é bastante ampla, é evidente que ela se ajustará melhor a casos bastante diferenciados, enquanto a posição de Waibel, fruto de suas experiências com os colonos do Sul do Brasil é mais restritiva; neste aspecto aliás, como teremos oportunidade de ver no decorrer do trabalho, ela não se aplica à Holanda, uma vez que valoriza muito a existência de mão de obra estranha à família, embora se encaixe perfeitamente nos demais pontos. É provável, também, que esta valorização da mão de obra familiar tenha sido decorrência, além

das áreas que estudou, da época em que fez suas observações.

Nesse sentido são bastante úteis as observações de Sorre (15) valorizando o aspecto dinâmico do quadro geográfico no qual qualquer definição que retrate um momento acaba, paulatinamente, perdendo seu conteúdo, daí as necessidades constantes de reformulação.

Na realidade tal discussão é secundária se encarmos a colonização, com quaisquer tipos de pessoas e lugares, dentro de um quadro geral, ligado ao povoamento e organização da superfície terrestre, fruto de uma evolução — daí a necessidade de valorizarem-se os aspectos genéticos dos fenômenos — e que apresentará fisionomia, valores quantitativos e funcionais diferentes, os quais ordenados do mais simples para o mais complexo nos darão uma visão global da Terra, no que de mais geográfico ela tem substrato físico, ocupação humana, relações e evolução, dentro da idéia expressa pelo vocábulo povoamento (Siedlung), o que pode ser facilmente depreendido através da análise e síntese executada por Schwartz (19).

Por outro lado, resta ainda, uma questão que, embora pareça a muitos extemporânea, tem sua razão de ser. Trata-se de aclimação dos colonos europeus neste novo ambiente ecológico.

É evidente que se a questão não poderá ser respondida plenamente, a análise da situação alcançada neste setor, contudo, poderá ser encaminhada tanto na direção de Von Eickstedt, o qual acenava para as mudanças decorrentes do deslocamento de populações de suas áreas de origem para meios ecológicamente diferentes de forma até certo ponto pessimista, como na defendida por Willy Helpach, que, embora reconhecendo as alterações que estas mudanças acarretam, abstem-se de um julgamento antecipado, comprometido com certos juizes de valores (15).

Está claro que transformações ocorreram com os imigrantes holandeses estabelecidos em Holambra; a contro

vérsia, porém, surgirá inevitavelmente em função das interpretações baseadas em uma ou outra orientação neste campo, que é, aliás, extremamente delicado.

Neste trabalho, contudo, as observações referentes a este tópico conduzem a uma recusa, pelo menos por enquanto, da idéia de graves distúrbios decorrentes da aclimatação.

#### D. A ABORDAGEM E AS TÉCNICAS DE PESQUISA

A abordagem do problema foi feita levando em consideração a necessidade de se ressaltar a situação alcançada por esta iniciativa, cujos aspectos econômicos já se vêem coroados de pleno êxito. Daí a preocupação básica inicial ter sido avaliar o significado do empreendimento, para em seguida buscar as forças que, atuando na comunidade levaram à definição daquele resultado.

Justifica-se, assim a apresentação inicial do trabalho, o qual procura ressaltar o contraste que apresenta Holambra em relação às terras que a cercam, tanto nas bases econômicas, como na forma da combinação desses diferentes elementos.

Destacada esta faceta, que realmente individualiza a colônia no conjunto da média depressão, surgem a seguir os fatos ligados à estruturação, ao equipamento técnico-cultural, à origem e evolução do empreendimento, como causas que explicam aquele contraste, que chama logo a atenção dos que percorrem a região.

Um ponto que também deve ser considerado é que, depois de se verificar as principais atividades desse grupo e sua organização, poder-se-ia concluir ser este um caso excepcional e como tal pouco representativo do fenômeno global ao qual ele se prende, ou seja, o processo de colonização com imigrantes estrangeiros no Sul do Brasil em geral e em São Paulo, em particular. Contudo, é **justamente**

por êsse motivo que sua consideração se impõe, uma vez que poderá servir de paradigma a futuras iniciativas nêsse setor, tendo, portanto, uma intenção relativamente pragmática.

Foi com isto em mente que se iniciou o estudo de Holambra, esboçando-se um roteiro de pesquisa que procurava explicar a presença dessa colônia em território paulista e suas conseqüências; neste esquema de trabalho as preocupações se iniciavam com as causas da emigração holandesa, passando pela escolha da área na qual se estabeleceriam êstes imigrantes que se dirigiram para o Brasil, sua paisagem naquele momento e sua evolução posterior em função da colonização, os objetivos e o planejamento da colônia, a seleção dos imigrantes e sua implantação, as formas de uso do solo, o sistema de trabalho vigente, a comercialização da produção, a organização social da comunidade bem como seu papel e suas perspectivas dentro da comunidade nacional.

Para se chegar a êstes fatos era indispensável, de início, um levantamento bibliográfico, o qual, aliás, se revelou bastante pobre uma vez que só conseguimos fichar pouco mais que uma dezena de títulos, além de artigos esparsos em jornais e revistas.

A seguir foi realizado um levantamento de campo preliminar, o qual resultou na definição dos fatos fundamentais que deveriam ser abordados em detalhe, através de inquéritos e entrevistas. Resultou dessa fase a organização de um questionário, o qual foi subdividido em duas partes (vide anexos), por motivos de ordem prática, uma abordando a parte agrária pròpriamente dita, e outra interessando-se pelos fatos referentes à família e vida de relações.

Ambas as partes foram aplicadas através de amostragem, sendo que o primeiro inquérito foi respondido por cêrca de 80% das famílias estabelecidas no núcleo, as

quais controlavam cerca de 65% da área total da colônia (que ainda não estava totalmente ocupada). Estes questionários foram aplicados procurando-se observar certa distribuição espacial das propriedades (fig. 2).

O inquérito sobre a composição da família e vida de relações foi respondido por cerca de 42% das famílias. Enquanto o primeiro foi aplicado por entrevistadores (professores e alunos do Curso de Geografia Agrária da U.S.P., 1968), o segundo foi distribuído em toda a colônia e respondido, espontaneamente, por quase metade das famílias.

Contudo, a maior dificuldade encontrada na elaboração do trabalho foi a ausência de uma documentação cartográfica de base, o que acarretou certo atraso no desenvolvimento da pesquisa, iniciada em 1967, pois foi necessário, neste ponto, partir do quase nada.

Este problema foi resolvido através da ampliação de um setor da folha topográfica de Campinas, organizada pela Comissão Geográfica e Geológica em 1925, na escala de 1:100 000 para a escala de 1:25 000, ou seja, àquela na qual possuíamos o levantamento aerofotogramétrico realizado pela PROSPEC, em 1962.

Com o auxílio das fotografias aéreas foi então executado um trabalho de correção das imperfeições resultantes da época em que a folha topográfica de Campinas foi realizada, bem como da ampliação da mesma. Obteve-se, desta forma, um esboço topográfico básico da região, que mais tarde foi reduzido para análise morfológica e construção de perfis.

Já para a execução do mapeamento esquemático do uso do solo os problemas que se colocaram eram decorrentes de ser o levantamento aerofotogramétrico de 1962, relativamente velho, apresentando certas variações em relação ao uso do solo em 68/69.

Depois de um estudo detalhado das construções e parcelas de culturas assinalados nas fotografias e os existentes no campo, ficou constatado que, fundamentalmente, apenas a sede do núcleo apresentava um número bem maior de edificações, sendo que os campos cultivados, com culturas permanentes ou temporárias, conservavam-se, em sua grande maioria, os mesmos. As mudanças haviam ocorrido principalmente em função das culturas temporárias ou semi-permanentes, o que é fácil de compreender em face do sistema agrário praticado (rotação de culturas).

Frente a esta situação a classificação do uso do solo deveria ser bastante ampla, englobando os fatos em grupos que mantivessem certa coesão no tempo ou no espaço. O principal problema surgido com esta orientação foi o da classificação da cana-de-açúcar, cultura semi-permanente que, acabou sendo incluída no grupo das temporárias, praticadas em rotação.

Quanto ao povoamento adotamos uma classificação funcional, complementada por uma de ordem morfológica.

Esta análise do uso do solo, baseada em fotografias aéreas, complementada pelo trabalho de campo, encontrou apoio em diversos trabalhos arrolados na bibliografia que acompanha esta introdução (6, 19, 20, 21, 22, 23).

Finalmente, encerrando estas observações, queremos agradecer a todos que direta ou indiretamente, auxiliaram-nos na elaboração deste trabalho, orientando-nos, auxiliando-nos e estimulando-nos a prosseguir até o fim, bem como a atenção que recebemos dos colonos e da administração de Holambra.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1. Abreu, Adilson Avansi de - Núcleos de colonização estrangeira no Estado de São Paulo. Orientação, nº4: 66-72, 1969. Instituto de Geografia, USP.
2. Segundo A.W. Sellin, em 1857 o número de alemães estabelecidos na Província de São Paulo estaria entre 12 000 e 15 000 (3).
3. Davatz, Thomas - Memórias de um colono no Brasil. São Paulo, Livraria Martins, 1954.
4. Tchudi, J.J. von - Viagens às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo, Livraria Martins, 1954.
5. Perret, Gentil - Estudos sobre colonização ou considerações sobre a colônia Senador Vergueiro. Santos, 1951.
6. Fernandes, Liliana Laganà - O bairro rural dos Pires. Tese de mestrado, inédita. São Paulo, 1967.
7. Embora não se tenha feito um estudo especial destes núcleos vizinhos a Holambra, deve-se reiterar a necessidade de sua consideração em um estudo mais amplo sobre a região, uma vez que eles fazem parte de uma realidade que caracteriza este trecho da média depressão paleozóica paulista. Para citar apenas o mais próximo a Holambra, lembramos o núcleo de Campos Salles, fundado através do Decreto nº 502 A, de 4 de dezembro de 1897, em terras da Fazenda Funil, situada nos municípios de Campinas, Mogi-Mirim e Limeira, atualmente municípios de Artur Nogueira e Cosmópolis, abrangendo uma superfície de 1 200 alqueires, doados ao Estado pela Companhia Agrícola Funilense, para a colonização. Essa superfície foi dividida em 200 lotes rurais, tendo sido reservado 5 220 m<sup>2</sup> para a sede do núcleo, além da área destinada a campo experimental, que do núcleo de São Bernardo para lá foi transferido, já em fins de 1897. Esse núcleo receberia, em sua maioria, imigrantes germânicos.

Deve-se observar ainda que, nesta época, os poderes públicos, através da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, faziam constantes apelos no sentido de se incentivar este tipo de colonização no Estado.

Uma breve análise do "Relatório de 1897", apresentado pelo Dr. Firminiano M. Pinto, Secretário dos Negócios da Agricultura, ao Dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide, vice-presidente do Estado, patenteia essa preocupação em relação à criação dos núcleos coloniais, argumentando em profundidade sobre a necessidade de se incentivar a diversificação da lavoura paulista, baseada, até então, quase que exclusivamente no café, que na época entrava em crise.

"O lavrador de café nunca será ao mesmo tempo lavrador de cereais, pela mesma razão que o fabricante de vidro não pode ser ao mesmo tempo fabricante de papel" (pág. 66). "O problema deve, portanto, ser resolvido pela fundação da pequena lavoura ao lado da grande, sem que o desenvolvimento de qualquer delas possa prejudicar o da outra; e por isso, para a estabilidade, quer da grande como da pequena lavoura, é indispensável fundar a pequena propriedade e introduzir pela irrigação os braços necessários, repartindo-os convenientemente pela lavoura de café e pela de cereais, de maneira que não falte a nenhuma êsse elemento primordial".

"Foi assim que se fundou a pequena lavoura na província de Santa Fé, que com as suas numerosas colonias, é o verdadeiro centro agrícola da República Argentina" (pág. 67).

Pode-se aquilatar, desta forma, o importante papel que se pensava dar aos núcleos coloniais no Estado, embora os já existentes enfrentassem graves problemas especialmente no campo da administração e assistência técnica, conforme pode-se deduzir do Relatório em questão, uma vez que, após cons

tatar ser a produtividade média dos núcleos coloniais bastante superior à média do Estado, observa que "muito mais brilhante, sem dúvida, seriam os resultados obtidos, se não fôsse a defeituosa organização da administração de nossos núcleos coloniais, que faz com que, por falta de pessoal dirigente habilitado, fiquem os colonos entregues à si mesmos, sem guia e orientação para lutarem vantajosamente contra os vários contratemplos que surgem com freqüência, embarçando a marcha regular da produção ... .. faltando por completo a orientação técnica, os colonos vivem vacilantes, procedendo por tentativas e, muitas vezes sem dúvida, desanimando diante dos resultados negativos verificados, em consequência da má escolha da terra para um certo produto, ou de um incidente, que o seu desconhecimento das condições agrológicas locais lhes tornava impossível prever" (págs. 44 e 45).

Considerando que "a fundação de núcleos coloniais, sistemática e progressivamente feita, precisa ser considerada pelos poderes públicos deste Estado como a medida mais oportuna para resolução do problema econômico que nos preocupa atualmente" (pág. 68), observa ainda o papel que êsses núcleos representariam como centros renovadores das técnicas agrárias pois "no plano de reorganização do Instituto Agrônomico foi prevista a utilização dos núcleos coloniais para êsse fim, estabelecendo-se que os campos de experiência ou demonstração que o govêrno fundasse nas colônias, com os recursos destas, ficassem sob inspecção geral daquele Instituto, que centralizaria assim, todos os estudos feitos em vários pontos do Estado sobre as questões que interessam à agricultura" (pág. 68).

Concluindo, observa que a instalação dêsses núcleos poderia ser feita sem prejudicar o café, recorrendo-se à imigração espontânea que, na sua quase totalidade não se destinava à grande lavoura.

8. Denis, Pierre - Le Brésil au XXe. siècle. Paris, Armand Colin, 1928.
9. Seabra, Manoel Fernando Gonçalves - Vargem Grande: organização e transformação do cinturão verde paulistano. Tese de Mestrado, inédita. São Paulo, 1969.
10. Salgado, Fernando Fonseca - As colônias de Bastos e Pedrinhas: estudo comparativo de geografia agrária. Tese de doutoramento, inédita. Presidente Prudente, 1969.
11. Bruman, Henry - Post-war agricultural colonization in Brazil. Los Angeles, Department of Geography, University of California, 1968.
12. Hack, H. - Dutch group settlement in Brazil. Amsterdam, Royal Tropical Institute, 1959.
13. A utilização da moeda norte-americana para estas cifras deve-se a sua taxa de inflação reduzida, especialmente-se comparada com a brasileira no período mencionado (1950-1964).
14. Waibel, Leo - Capítulos de geografia tropical e do Brasil. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1958.
15. Sorre, Max. - Les migrations des peuples. Paris, Ernest Flammarion, 1955.
16. Hack entende que a migração de grupos e seu estabelecimento deve ser um dos critérios para se distinguir tipos de deslocamentos humanos, pois, usando suas próprias palavras: "since the communal settlement requires a fairly large amount of partly or totally unexploited space in the immigration country most group migration will be of an agrarian character. In Holland before 1940 this migration form was termed "groepsgewijsse landverhuizing in de landbouw" (agricultural overseas groups migration) while the French spoke of "migrations colonisatrices". The term "group migration" is preferred to the terms "group emigration", "group immigration" and group colonization, because it define the whole complex of phenomena which occur

when a group of people leave the old place of residence to built together a new communal life elsewhere" (12, pág. 3 e 4).

17. Mas, W. Van der - *Praktijk en Patroon van Recente Nederlandse Groepsmigraties*. Gronigen, P.Noordhoff N.V., 1963.
18. Há uma coletânea razoável de trabalhos interessando à discussão destes conceitos, entre os quais cumpre destacar pelo menos dois; o primeiro de autoria do prof. Fernando Novais, intitulado: "Colonização e sistema colonial" e o segundo realizado por Altiya Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen - "Alguns aspectos relativos aos estudos de imigração e colonização". Ambos publicados pelos Anais do IV Simpósio dos Professôres Universitários de História. São Paulo, Revista de História, 1969.
19. Schwartz, Gabrielle - *Allgemeine Siedlungsgeographie*. Berlin, Walter de Gruyter, 1966.
20. Kostrowicki, J. - *Land utilization in Poland*. Warszawa, Polish Academy of Sciences, *Geographical Studies* n.º 31, 1962.
21. Consiglio Nazionale delle Ricerche - *Carta della utilizzazione del suolo d'Italia*. Milano, Touring Club Italiano, 1960.
22. Ceron, Antonio Olivio & Diniz, José Alexandre F. - O uso de fotografias aéreas na identificação das formas de utilização agrícola da terra. *Revista Brasileira de Geografia*, 28(2):161-173, 1966.
23. Duckert, Winfried - *Luftbild - Darmstadt Stadtrand N/NE*. *Die Erde*, 96. Jahrgang, Heft 2, Berlin, Walter De Gruyter, 1965.

**SEGUNDA PARTE**

**HOLAMBRA: CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRIMÁRIAS**

A. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA COLÔNIA E ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRUTURAS FUNDIÁRIAS REGIONAIS

Para a compreensão da situação atual deste núcleo de colonização é de capital importância a colocação, já no início, dos aspectos ligados à sua posição, em relação ao Estado (Fig. 3).

Localizado, grosso modo, no centro de um quadrilátero definido em seus vértices pelas sedes urbanas de Artur Nogueira, Cosmópolis, Jaguariuna e Santo Antonio de Posse, êle pode ainda ser enquadrado de forma excêntrica, dentro de um triângulo, que se sobrepõe àquele quadrilátero imaginário, formado por núcleos urbanos de categoria hierárquica superior — Limeira, Mogi-Mirim e Campinas —, sendo que esta última é um dos principais centros regionais do Estado, subordinando-se em sua vida de relações, apenas à capital paulista.

Portanto, situada a cerca de 130 Km da capital, entre Campinas e Mogi-Mirim, Holambra encontra-se excepcionalmente servida por ótimos meios de circulação que a ligam não só aos centros urbanos vizinhos como à principal metrópole do Sudeste do Brasil. Isto significa que, em função de mercados e transportes da produção, bem como de relacionamento em geral, Holambra não enfrenta problemas de quaisquer natureza.

O conjunto de terras ocupadas pelos colonos holandeses estende-se, continuamente, por cerca de 5 025 ha. (pouco mais de 2 000 alqueires paulistas), com um perímetro irregular, embora lembrando um trapézio, cuja base se localiza próximo do vale do rio Jaguari, afluente do Atibaia.

Situada, desta forma, na Média Depressão Paleozóica Paulista ela aparece, do ponto de vista das atividades agrárias como um trecho nitidamente diferenciado em relação as áreas vizinhas, o que pode ser facilmente constatado através de uma análise dos gráficos que aparecem nas Figs. 4 e 5, bem como da carta de uso do solo.

Se já no referente à estrutura fundiária Holambra se destaca das terras que a envolvem, no referente ao uso do solo esta disparidade se acentua ainda mais.

Analisando-se as atividades predominantes dos estabelecimentos (1), percebe-se, claramente, que tanto em termos de número de propriedades como de superfície ocupada nos quatro municípios vizinhos — Artur Nogueira, Cosmópolis, Jaguariuna e Santo Antonio de Posse — a agro-pecuária é a atividade característica.

Em todos êles mais de 80% dos estabelecimentos dedicam-se a êste tipo de exploração do solo, conforme atestam os seguintes valôres: Jaguariuna 92,70%; Santo Antonio de Posse, 91,10%; Cosmópolis, 89,35% e Jaguariuna, 92,70%. Contudo, do ponto de vista das superfícies ocupadas pela agro-pecuária, Jaguariuna diferencia-se dos demais, pois enquanto registramos para Cosmópolis 94,49%, Santo Antonio de Posse 89,29% e Artur Nogueira 84,32%, a cifra referente ao citado município aponta 75,75%, assemelhando-se mais a Mogi-Mirim neste setor.

Tanto em Jaguariuna como em Mogi-Mirim esta restrição corresponde à uma ampliação das superfícies destinadas exclusivamente à pecuária: 30,63% em Mogi-Mirim, 22,03% em Jaguariuna, 14,96% em Artur Nogueira, 10,63% em Santo Antonio de Posse e 5,56% em Cosmópolis.

Entretanto esta situação de domínio da agro-pecuária define-se melhor consultando-se os dados referentes ao uso do solo, através dos quais pode-se perceber claramente que, do ponto de vista das superfícies utilizadas todos êsses municípios apresentam números bastante diferentes de Holambra.

Uso do solo - Superfícies % em hectares (2)

	Cult.temp.	Cult.perm.	Pastg.	Outras
Holambra	78,6	14,7	6,7	-
Artur Nogueira	32,2	7,5	53,6	4,5
Cosmópolis	49,1	5,0	38,0	13,0
Jaguariuna	20,9	17,0	47,0	14,0
Sto. Antonio de Posse	28,0	9,0	49,0	12,0

Realmente, em quase todos, a principal atividade, segundo a extensão dos solos ocupados é a pecuária. A única exceção, neste aspecto é Cosmópolis, onde as culturas permanentes e temporárias somadas ocupam mais de 50 % das superfícies voltadas para as atividades primárias, a seguir aparece Artur Nogueira com quase 40%, Santo Antonio de Posse com 37% e Jaguariuna com a mesma cifra.

Por outro lado talvez seja significativo que os dois municípios que apresentam maiores superfícies voltadas para as culturas temporárias tenham sido, já em épocas passadas, sedes de núcleos de colonização.

Mesmo as culturas permanentes mostram a diferença existente entre Holambra e sua periferia, sendo que neste aspecto apenas Jaguariuna apresenta uma **situação** que se assemelha àquele núcleo colonial. Contudo é através da análise das pastagens que se pode perceber como as terras ocupadas pelos imigrantes holandeses diferem das demais, uma vez que este tipo de uso do solo apresenta no conjunto das propriedades da colônia uma superfície extremamente reduzida, contrastando com as terras dos municípios vizinhos, os quais destinam largos trechos de seus territórios às pastagens.

Desta forma, em face ao uso do solo, enquanto Holambra definiu-se como domínio das culturas temporárias secundada pelas culturas permanentes, as terras vizinhas surgem como domínio da pecuária, secundadas pelas culturas temporárias, com exceção de Cosmópolis, o que, entretanto não altera, fundamentalmente, esta relação.

O contraste representado por Holambra na região na qual se localiza pode ser ainda facilmente constatado pela análise de sua estrutura fundiária, comparada com a dominante nas terras que a envolvem, sendo que a simples representação gráfica destes fatos (Fig. 5) dá uma idéia bastante clara das diferenças entre o núcleo colonial e as áreas periféricas a êle.

Enquanto em Holambra há um certo equilíbrio entre o número de propriedades e a superfície ocupada, esta relação adquire feições diversas nos municípios que a envolvem. Com exceção de Artur Nogueira, todos os demais apresentam mais de 60% da área concentrada em um pequeno número de propriedades. É nítido nos municípios em questão a presença de um elevado número de propriedades com superfícies extremamente reduzidas.

Neste setor não se pode deixar de registrar, todavia, que os dados referentes a Holambra também influenciaram os municípios vizinhos, pois tendo terras em todos êles sua estrutura fundiária está parcialmente incluída em cada um dêles. Mesmos assim, os contrastes se fazem sentir claramente, devendo-se acenar, por exemplo, para a frequência das propriedades com menos de 5 ha. na região periférica ao núcleo holandês, onde esta categoria praticamente inexiste.

Cosmópolis, Jaguariuna e Santo Antonio de Posse apresentam cifras que variam entre 20 e 25% das propriedades com superfícies inferiores a 5 ha., ocupando em todos menos de 2% da área do município; para Artur Nogueira esta classe apresenta 5,86% dos estabelecimentos ocupando 0,56% do município. Em Holambra não há propriedades nesta categoria. No outro extremo, na classe de propriedades com mais de 100 ha, vamos verificar uma inversão dos valores — isto é, poucas propriedades concentrando extensas superfícies — especialmente em Jaguariuna, Santo Antonio de Posse e Cosmópolis, onde cerca de 60 a 70% das terras pertencem a menos de 12% das propriedades. Em Artur Nogueira êstes contrastes são menos violentos, definindo-se em certo equilíbrio nas classes centrais, uma vez que cerca de 69% da área do município distribui-se por 77% das propriedades com superfícies que variam de 10 a 100 ha, sendo que o maior número de propriedades e a maior extensão territorial estão reunidos na categoria de 20 a 50 ha, com respectivamente 35 e 30% do município. Há, portanto, certa semelhança entre Artur Nogueira e Holambra, pois também nesta classe (20-50 ha) temos a maior concentração de propriedades e superfícies ocupadas (respectivamente 63 e 54%), embora com cifras bastante superiores.

Por outro lado, organizando-se uma seqüência destes municípios. de acôrdo com o desequilíbrio de sua estrutura fundiária (relação percentual do número de propriedades com a superfície ocupada), teríamos do menos para o mais desequilibrado: Artur Nogueira, Cosmópolis, Jaguariuna e Santo Antonio de Posse, sendo que os primeiros se aproximam mais de Holambra, refletindo em sua estrutura influências derivadas das pretéritas iniciativas no campo da colonização com pequenos proprietários que os afetaram em um passado relativamente recente.

O fato é que, no conjunto, Holambra aparece na região como mancha basicamente de pequenas propriedades contíguas, sem apresentar nem a pulverização nem a concentração que ocorre nas outras áreas citadas. Por outro lado, se a grande maioria das propriedades possui entre 20 e 50 ha, na realidade a maior concentração verifica-se na faixa de 20 a 30 ha — para ser mais preciso, oscila em tórno de 25 ha — onde cêrca de 37% das propriedades cobrem 27% da superfície; entre 20 e 40 ha temos 58,71% das propriedades e 48,60% da área ocupada.

Contudo pode-se, de certa forma, constatar a presença de propriedades relativamente grandes, pelo padrão mais freqüente no núcleo, uma vez que cêrca de 3% das propriedades, possuindo cada uma mais de 100 ha. (respectivamente 115, 172 e 197 ha), cobrem cêrca de 14,5% das terras ocupadas.

Enfim uma idéia mais precisa da estrutura fundiária de Holambra poderá ser deprendida da tabela que aparece na página seguinte.

É possível, em face disto tudo, retomando observações anteriores, caracterizar-se Holambra na região, do ponto de vista da estrutura fundiária e do uso do solo, como sendo uma mancha de pequenas propriedades voltadas para culturas temporárias, entre as quais aparecem como plantas principais o milho, a soja, o algodão, o arroz e a cana-de-açúcar, secundadas pelas culturas permanentes (basicamente a citricultura), rodeada por terras nas quais a malha fun—

diária revela grande desequilíbrio, pois a um pequeno número de propriedades corresponde a maior extensão de solos ocupados, o que se reflete em uma atividade agropecuária onde a maior parte das terras é dedicada às pastagens, secundadas por lavouras temporárias.

HOLAMBRA - ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Classes em ha.	% de estabelecimentos	Área % ocupada
-10	4,12	0,8
10 - 25	5,15	1,8
15 - 20	14,42	7,1
20 - 25	12,36	8,0
25 - 30	24,72	19,1
30 - 35	11,33	10,5
35 - 40	10,30	11,0
40 - 45	2,06	2,5
45 - 50	2,06	2,7
50 - 55	2,06	3,0
55 - 60	2,06	3,5
60 - 65	2,06	3,7
70 - 80	2,06	4,3
80 - 90	1,03	2,7
90 -100	1,03	2,8
+100	3,09	14,5

Total de estabelecimentos levantados: 97

Área total ocupada por êstes estabelecimentos: 3 249 ha.

B. OS FUNDAMENTOS ECONÔMICOS DA COMUNIDADE

Contudo, esta imagem inicial de Holambra não é a realidade integral que se descortina quando sua organização, seus componentes e seus fundamentos econômicos são analisados com mais detalhes. Realmente os dados referentes às atividades econômicas que se responsabilizam pelo elevado padrão de vida na colônia, mostram que, se êstes aspectos da vida agrícola definem uma faceta do núcleo, êles não demonstram tudo e estão longe de ser a base de sua economia, a qual tem como principal fonte de lucros a criação animal, especificamente a avicultura, como pode se depreender do valor da produção comercializada no ano agrícola de 1966, expresso

em cruzeiros velhos deflacionados (3):

Produção total	-	45.083.000,00
Criação animal	-	27.283.000,00
Agricultura	-	17.800,000,00

Constata-se, portanto, que nesta dada as transações comerciais quanto ao seu valor, repousavam fundamentalmente, nos produtos derivados da criação animal, uma vez que esta respondeu por cerca de 60% do valor da produção.

Uma análise mais detalhada evidenciará, ainda, que neste ano nove produtos responsabilizaram-se por quase 95% do valor das transações comerciais, vindo na seguinte ordem, percentualmente, em relação ao valor total:

1. Ovos.....	33,0%
2. Aves .....	21,0%
3. Soja .....	9,0%
4. Citrus .....	8,8%
5. Algodão .....	8,1%
6. Cana .....	6,1%
7. Suínos .....	3,3%
8. Bulbos e flores...	3,2%
9. Bovinos .....	1,8%

Êstes dados indicam uma nítida predominância econômica das atividades ligadas à criação e, especificamente, à avicultura, uma vez que esta, sozinha, responde por mais de 50% dos lucros obtidos. Em segundo lugar aparecem, como conjunto, os valôres referentes às culturas temporárias que são, principalmente a soja, o algodão, a cana-de-açúcar e, embora não apareçam nesta relação, o milho e o arroz.

Em terceiro lugar aparece a citricultura e em quarto a floricultura, de importância crescente nos últimos anos, ampliando suas superfícies e ganhando terreno para definição entre os principais produtos.

Em face dêstes dados pode-se afirmar que Holambra é, atualmente, um conjunto de granjas, secundadas em suas atividades pela agricultura, praticada segundo elevados padrões técnicos, como se poderá ver, dentro de

pequenas propriedades.

Apenas para dar mais ênfase à participação dos diversos produtos no todo, vale a pena citar que o valor da produção proveniente da criação animal, originou-se em 56% na comercialização dos ovos, contribuindo as aves com 34,7%, os suínos com 6,1% e os bovinos com 2,9%; enquanto que a agricultura propriamente dita, teve como produtos principais a soja com 22,9% da comercialização, as plantas cítricas com 22,4% e o algodão com 20,6%, vindo a seguir a cana-de-açúcar com 15,5% e os bulbos e flores com 8,1%.

É lógico, portanto, que antes de se abordar a agricultura se façam algumas considerações sobre a pecuária e a criação animal em Holambra, o que quase equivale a dizer, a avicultura, em termos de importância para a vida econômica desta comunidade agrícola.

## 1. A criação animal

### a) A avicultura

Em 1968 cerca de 75,5% das propriedades criavam aves, enquanto para bovinos essa porcentagem descia a 59,7% e a 28,8% para os suínos. Embora não se possa estabelecer um paralelo entre essas atividades pelo número de cabeças é interessante observar que o número de aves registrado nas propriedades levantadas alcançou a 234.690, o de suínos 1.226 e o de bovinos 543.

É nítido, portanto, o papel de destaque da avicultura que é o principal fundamento econômico de Holambra em seu conjunto, embora não possamos deixar de observar que cerca de 1/4 das propriedades não a praticam, sendo sua ausência mais frequente a medida que os estabelecimentos se tornam maiores, uma vez que nas unidades de exploração com superfícies superiores a 40 ha. sua frequência desce a 58,8%, enquanto que entre as propriedades cujas áreas variam de 10 a 50 ha esta cifra alcança a 81,5%, sendo que neste último caso todas as classes levantadas dentro deste intervalo estão igualmente representadas.

Deve-se observar, porém, que apesar disto não há relação necessária entre número de aves e a extensão das propriedades, o que é fácil de se entender, uma vez que esta atividade exige espaços pequenos, servindo muito bem para a valorização de pequenas parcelas de terra, podendo, evidentemente, ser também um dos suportes de uma propriedade de maior.

Quanto à distribuição do número de aves por propriedade, a análise da tabela abaixo, construída com base nos estabelecimentos que responderam à contento êstes ítems, e da Fig. 6, evidencia de forma bastante clara os aspectos fundamentais da avicultura em Holambra.

HOLAMBRA - DISTRIBUIÇÃO DO PLANTEL PELAS PROPRIEDADES

Classes Nº de aves	Nº de pro- priedades	% das pro- priedades	Plantel	% do plantel
0 - 499	4	5,47	465	0,20
500 - 999	4	5,47	2.400	1,02
1000 - 1999	17	23,28	20.575	8,76
2000 - 2999	19	26,02	43.000	18,32
3000 - 3999	10	13,69	31.150	13,27
4000 - 4999	4	5,47	17.000	7,24
5000 - 5999	3	4,10	15.000	6,39
+ 6000	12	16,43	105.000	44,78
Total	73	99,93	234.690	99,80

Vê-se que é expressivo o número de propriedades que criam entre 1000 e 2999, ou seja granjas de porte médio; nestas classes tem-se quase 50% das propriedades avicultoras, sendo que esta cifra subirá a 63% se incluirmos na mesma faixa a classe seguinte. Contudo é digno de desta que a importância das granjas com mais de 5000 cabeças, pois, no conjunto, tem-se aí cerca de 20% das propriedades avicultoras, algumas das quais com até 20.000 aves, responsabilizando-se no global pela criação de mais de 50% do plantel.

Em face disto observa-se que, embora a maior parte das granjas tenham plantéis de porte médio — entre 1000 e 3999 cabeças — cerca da metade das aves criadas concentra-se em granjas de grande porte, as quais representam

no conjunto, menos de 1/4 dos estabelecimentos; se incluímos nesta última categoria as propriedades com mais de 4000 aves, tem-se então, aproximadamente 26% das propriedades dominando 58% do plantel.

Quanto à composição racial do plantel, sendo êle voltado para a obtenção de ovos e carnes, vai ser muito diversificada, conforme pode-se constatar através da Fig. 6; contudo, quatro variedades de aves responsabilizam-se por mais de 3/4 do total, representando 75,39% das aves criadas em Holambra (Arbor Acre, Kimber, Welp Line e Leghorn, com respectivamente 27,88%, 21,57%, 14,45% e 11,49% do plantel).

Se às quatro variedades acima mencionadas forem acrescentados os planteis definidos pelas Nick-schick, J. J. Warren e Hybro, ter-se-á então 85,80% das aves registradas no levantamento efetuado. As outras variedades respondendo por 14,20% do plantel são pouco expressivas, aparecendo tôdas com cifras inferiores a 4500 cabeças (Shaver Star Cross, Hy Line, Thompson, Babcook, Pilch, Harcock, Kaistone, Velop, Nishu e Cafer).

Essa criação é feita em galpões com assoalho de madeira, variando suas proporções e as técnicas empregadas em função do plantel e dos capitais disponíveis. Dessa forma não há homogeneidade entre as granjas, embora não ocorram também contrastes muito violentos.

A variação nos galpões reflete também o objetivo da criação, uma vez que embora a maioria se volte para a postura alguns preocupam-se unicamente com o abate, que se dá quando a ave atinge 3 meses, apresentando em média 1,5kg. Contudo, mesmo os que se voltam basicamente para a postura, participam igualmente do abate, pois há uma necessidade constante de renovação do plantel, uma vez que após 18 meses a produtividade desce muito.

De qualquer forma, tanto em um caso como no outro, está se definindo em Holambra uma tendência para o uso de gaiolas na criação, o que se exige mais atenção do gran-

jeiro, permite, também, um maior controle da produção e das aves, que são atendidas de forma praticamente individual.

Em uma das propriedades levantadas, a qual apresenta um dos melhores padrões na criação de aves, pode-se observar o seguinte esquema: os galpões onde se pratica a criação, contendo cada um duas filas de gaiolas duplas, dispõem-se perpendicularmente a um corredor central cimentado, a partir do qual tem-se acesso às aves, centralizando a distribuição dos serviços, como as tarefas ligadas à alimentação e higiene (rações, água, etc.).

Em todas as granjas há uma preocupação constante com o controle do ambiente e da alimentação, tendendo estes serviços a uma mecanização crescente, o que se reflete na diminuição da mão de obra necessária a estes trabalhos.

Quanto à produção, embora seja variável, pois está sujeita, por exemplo, às condições ecológicas (temperatura e umidade, especialmente), em geral cada 1000 aves produz em média de 500 a 700 ovos por dia, sendo que o abate mensal gira em torno de 1/3 do plantel mantido pela propriedade.

Não se pode também esquecer que um dos produtos secundários da criação é a obtenção de adubos, utilizados na agricultura pelos próprios colonos, podendo-se obter em uma granja com 2000 aves cerca de 4 toneladas por ano.

#### b) Criação de bovinos

A pecuária bovina tem em Holambra um papel secundário, embora quase 60% dos colonos possuam cabeças de gado, voltados para a produção de leite e derivados, vindo a seguir o objetivo da produção de reprodutores e carne. O segundo plano em que se coloca esta atividade na colônia reflete-se já de início na pequena área ocupada pelas pasta-

gens, conforme pode-se depreender dos dados abaixo:

DISTRIBUIÇÃO DAS PASTAGENS PELAS PROPRIEDADES

Superfície ocupada em ha.	Nº de pro-riedades	% das pro-riedades	Superfície total ha.	% da su-ocupada em ha.
-0,5	5	6,50	0,80	0,28
0, a 0,99	5	6,50	2,85	1,21
1,0 a 1,99	16	21,04	18,40	7,82
2,0 a 2,99	28	36,84	59,80	25,42
3,0 a 3,99	11	14,74	30,36	12,98
4,0 a 4,99	5	6,50	20,00	8,50
5,0 e mais	6	7,88	103,00	43,79*
Total	76	100,00	235,21	100,00

\* Excluindo-se uma propriedade, que é anômala no conjunto, esta classe torna-se menos expressiva, passando os valores percentuais da superfície ocupada a ser respectivamente, 0,48; 1,72; 11,13; 36,19; 18,37; 12,10 e 18,97.

Fica claro, portanto, que as pastagens cobrem em Holambra uma superfície bastante reduzida, divididas em pequenas parcelas por propriedades, uma vez que quase 70% dos estabelecimentos possuem pastos com menos de 3,0 ha, sendo inferior a 8% os proprietários que dispõem mais de 5 ha. de pastagens. Contudo, verificando-se a superfície ocupada e sua relação com o número de estabelecimentos, constata-se que os referidos 8% concentram mais de 45% das pastagens; isto, porém, só ocorre porque a maior propriedade deste núcleo possui nada menos de 70 ha. de pastos, o que, pelos padrões de Holambra, é um fato excepcional.

Essas pastagens são, em sua maioria esmagadora, cultivadas com espécies resistentes à seca, como os capins pangola, napier e colômbio, que juntos se responsabilizam por quase 75% das pastagens, como se pode verificar, através dos seguintes dados:

HOLAMBRA - CONSTITUIÇÃO DAS PASTAGENS

Forragem	% das pastagens
Pangola	36,6
Colonião	20,0
Napier	17,7
Soja perene	6,3
Capim gordura	6,3
Jaragua	5,1
Guatemala	3,8
Quicuío	2,5
Elefante	1,3

Estas pastagens substituíram, em parte, áreas ocupadas pela vegetação natural em diferentes estágios de desenvolvimento, consequência das atividades humanas registradas na região anteriormente à presença holandesa, porém com mais frequência sucederam áreas cultivadas pelos colonos em uma proporção superior a um terço das propriedades, sendo que em 50% dos casos substituíram áreas de culturas e capoeiras, indicando, desta forma, uma rotação entre as áreas de pastos e culturas.

Embora ocupem áreas reduzidas são muito bem cuidadas, tendo 68,7% dos colonos preocupações conservacionistas que se refletem na adoção do plantio em curvas de nível e adubação, a qual utiliza, além de produtos químicos necessários para a correção do solo, também esterco proveniente da avicultura. Em alguns casos também há irrigação, o que é relativamente pouco frequente, em face do papel secundário desta atividade na vida econômica; além das condições climáticas não serem extremamente severas.

Os pastos, contudo, são de importância apenas complementar, face a importância das rações utilizadas e da vida animal no estábulo.

Quanto ao plantel, é constituído basicamente por gado holandês (pc, po e mestiço) e zebu, além de outros tipos como o Jersey, o Dinamarquês e o Nelore, voltados em sua maior parte para a subsistência (43,6% das

propriedades) e, secundariamente para o comércio (32,6% dos estabelecimentos), havendo um grupo minoritário de criadores que, eventualmente, participam do comércio, embora também para eles esta atividade seja voltada principalmente para a subsistência (23,8%).

Em face disto tudo é fácil compreender o número baixo de cabeças de gado bovino por criador, conforme nos demonstram as cifras abaixo:

HOLAMBRA - DISTRIBUIÇÃO DO GADO BOVINO PELAS PROPRIEDADES

Nº de cabeças	Nº de propriedades	% das propriedades	Plantel	% do plantel
1 - 3	16	34,04	38	6,98
4 - 6	17	36,17	78	14,36
7 - 9	3	6,38	25	4,60
10 - 14	5	10,63	55	10,12
15 - 19	3	6,38	48	8,83
20 e mais	3	6,38	299	55,06
Total	47	100,00	543	100,00

Deve-se observar que as seis propriedades que controlam 63,89% do plantel não as que se responsabilizam pela quase totalidade do comércio destes produtos, sendo que apenas uma delas possui 43,2% do gado criado em Holambra — é exatamente aquela que possui 70 ha. de pastagens, comprovando que na realidade as propriedades onde a criação de bovinos tem importância formam a exceção e não a regra.

c) A suinocultura

Quanto à criação de suínos, observa-se que sob muitos aspectos ela diverge da criação de bovinos. Em primeiro lugar, ela é muito menos frequente uma vez que aparece em menos de 30% das propriedades. Contudo, praticamente todos os criadores têm um objetivo comercial, sendo que entre os entrevistados apenas um dedicava-se a objetivos de subsistência pura.

Apesar disso o número de suínos por propriedade não é, de um modo geral, muito elevado, o que se verifica pela análise da tabela que se segue.

HOLAMBRA-DISTRIBUIÇÃO DO PLANTEL SUINO PELAS PROPRIEDADES

Nº de cabeças	Nº de propriedades	% das propriedades	Plantel	% do plantel
1 - 9	7	24,13	29	2,36
10 - 19	5	17,24	63	5,13
20 - 49	8	27,58	255	20,79
50 - 100	6	20,68	427	34,82
100 e mais	3	10,34	452	36,86
Total	29	100,00	1226	100,00

Constata-se que cêrca de 41% dos criadores possuem menos de 20 cabeças, controlando pouco mais de 7% do plantel, enquanto 31% das propriedades, cada qual com mais de 50 cabeças, possuem nada menos que 72% do plantel, verificando-se, portanto, uma grande concentração na criação de suínos, que repete em outro plano êste fato que já ocorria com a criação de bovinos.

Se a suinocultura aparece em menos de 30% das propriedades, ela, na realidade, só tem expressão em menos de 10% dos estabelecimentos de Holambra.

Quanto à composição racial do plantel, há uma predominância de raças inglesas e holandesas, sobressaindo-se o Hampshire, Duroc, Landraas e Wessex. Em 1968 cêrca de 65% dêste rebanho era constituído por leitões e leitões, 17% por reprodutoras, 16,4% de porcos para engorda e 1,6% de varrões.

Concluindo estas observações sôbre a criação animal em Holambra, a qual se responsabilizava por quase 60% do valor da produção na época do levantamento, pôde-se reafirmar, mais uma vez, a preponderância da avicultura, seguida pela suinocultura, embora modestamente segundo o valor da comercialização, aparecendo a criação de bovinos

como atividade freqüente, embora objetivando principalmente a subsistência.

## 2. As atividades agrícolas

### a) As culturas temporárias

Dos 3 528,21 ha de superfícies voltadas para as atividades agro-pecuárias registradas no levantamento de 1968, nada menos que 3 293,00 ha, ou seja, cêrca de 93%, eram dedicados à agricultura, ocupando as pastagens o restante, conforme já foi visto. Dessa superfície voltada para a agricultura, 2 522,90 ha (mais de 70% do total dedicado às atividades primárias) definiam as áreas ocupadas pelas lavouras temporárias, estando o restante ocupado em sua porção mais significativa pela citricultura, a qual abrangia uma superfície de aproximadamente 770 ha.

Uma análise mais pormenorizada desta agricultura evidenciará a importância de cinco produtos temporários — o milho, a soja, o algodão, o arroz e a cana-de-açúcar — os quais somam cêrca de 2 371,40 ha, isto é, aproximadamente 94% dos solos ocupados com culturas não permanentes. Realmente, em termos de área cultivada, êsses cinco produtos ao lado dos laranjais definem a paisagem, do ponto de vista das plantas cultivadas, a qual apresenta, porém, em certos trechos outros componentes característicos, sendo que últimamente a floricultura em particular tem ampliado suas áreas. Em 1968 as flôres ocupavam uma superfície logo abaixo daquela destinada à cana-de-açúcar, embora a diferença entre ambas fôsse bastante grande, vindo a seguir o trigo, conforme os dados que se seguem:

#### HOLAMBRA - PRINCIPAIS CULTURAS TEMPORÁRIAS SEGUNDO AS SU-

#### PERFÍCIES OCUPADAS

Cultura	Área cultivada em hectares
Milho	811,30
Soja	659,50
Algodão	437,70
Cana-de-açúcar	236,80
Flôres	82,10
Trigo	39,00
Outros produtos	52,50
Total	2.522,90

As culturas englobadas na última categoria são extremamente diversificadas e não possuem expressão no conjunto, sendo que apenas em uma ou outra propriedade podem, eventualmente, ter certo destaque (centeio, batata-doce, batatinha, mandioca, girassol, cará, feijão), embora algumas possam ser, inclusive, mais ubíquas que a floricultura, o que poderá ser constatado através do número de propriedades que se dedicam a estes produtos.

HOLAMBRA - FREQUENCIA DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

Cultura	Número percentual de propriedades
Milho	85,6
Soja	79,3
Algodão	74,2
Arroz	67,0
Cana-de-açúcar	45,3
Trigo	16,5
Mandioca	10,3
Batata-doce	9,2
Flôres	8,2
Girassol	6,1
Cará	2,0
Feijão	2,0
Centeio	1,0
Batatinha	1,0

Evidencia-se, portanto, que se em termos de área e número de propriedades as culturas principais ocupam as mesmas posições, a partir do produto colocado em quinto lugar, ocorrem algumas alterações, uma vez que se quanto à área total ocupada a participação do trigo é modesta, ele é muito mais frequente que as flôres, as quais, embora possuam superfície cultivada consideravelmente maior, concentram-se em um número menor de propriedades, o que é facilmente compreensível face aos mecanismos ligados a comercialização e destinação desta produção.

Por outro lado, a análise mais detalhada das superfícies e das propriedades voltadas para os cinco produtos básicos das culturas não permanentes, evidencia alguns fatos interessantes.

HOLAMBRA - DISTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS  
CULTURAS TEMPORÁRIAS PELAS PROPRIEDADES

Superfície cultivada em ha.	nº de propriedades	% das propriedades	Área total	% da área total
M I L H O				
0 - 4,99	11	14,66	32,9	4,05
5 - 9,99	24	32,00	159,7	19,68
10 - 19,99	32	42,66	413,7	50,99
20 e mais	8	10,66	205,0	25,26
Total	75	100,00	811,3	100,00
S O J A				
0 - 4,99	25	39,68	76,1	11,53
5 - 9,99	16	25,39	99,7	15,11
10 - 19,99	16	25,39	187,7	28,46
20 e mais	6	9,52	296,0	44,88
Total	63	100,00	659,5	100,00
A L G O D ã O				
0 - 4,99	25	39,68	76,3	18,00
5 - 9,99	24	38,09	168,4	39,74
10 - 19,99	12	19,04	138,0	32,57
20 e mais	2	3,17	41,0	9,67
Total	63	100,00	423,7	100,00
A R R O Z				
0 - 4,99	29	60,41	60,0	25,39
5 - 9,99	11	22,91	69,7	29,49
10 - 19,99	7	14,58	86,6	36,60
20 e mais	1	2,08	20,0	8,47
Total	48	100,00	236,3	100,00
C A N A - D E - A Ç Ú C A R				
0 - 4,99	20	54,05	57,8	28,22
5 - 9,99	10	27,02	61,0	29,78
10 - 19,99	7	18,83	86,0	41,98
20 e mais	-	-	-	-
Total	37	100,00	204,8	100,00

Obs. Não deram respostas suficientemente claras para serem computadas nesta tabela, respectivamente, 8, 11, 8, 14 e 9 propriedades.

É nítido o contraste que existe entre o milho e os demais produtos, enquanto 53% das propriedades que o cultivam têm superfícies ocupadas com mais de 10 ha, esta porcentagem para a soja desce a 35%, para o algodão a 22%, para a cana-de-açúcar a 18% e para o arroz a 16%. Em oposição direta ao milho surge o arroz, pois se aquele é cultivado em parcelas relativamente grandes, este surge em mais de 60% das propriedades em culturas com menos de 5 ha. Entre a situação desses dois cereais lembrados acima colocam-se os outros três produtos, devendo-se assinalar que a cana-de-açúcar não registra em nenhuma das propriedades levantadas superfícies cultivadas superiores a 20 ha, embora cerca de 41% da área ocupada por esta planta corresponda a parcelas superiores a 10 hectares.

Também é digno de nota que os dois principais produtos temporários, tanto pela sua frequência como pela área que ocupam, apresentam ainda as maiores superfícies cultivadas em um único estabelecimento, pois para o milho encontramos unidades de exploração com áreas de até 35 hectares, voltadas para este cereal, enquanto a soja chega mesmo a assinalar uma cifra de 140 hectares.

Da mesma forma as flôres apresentam superfícies cultivadas relativamente extensas, sendo que o mais expressivo varia entre 20 e 25 ha. Já o trigo, porém, apresenta grande diversidade, sendo relativamente frequente as parcelas cultivadas entre 3 e 4 hectares.

Esta análise dos cultivos temporários em Holambra permite, de maneira esquemática e com base no relacionamento da frequência, dos objetivos e dos valores alcançados com sua comercialização (já mencionados anteriormente), uma hierarquização dessas culturas em três diferentes faixas ou grupos, segundo sua destinação seja voltada:

- 1º) à comercialização, ou seja, o algodão, a cana-de-açúcar e as flôres;

- 2º) à comercialização e à subsistência, pouco expressivos na colônia, sendo que entre eles cumpre assinalar apenas o arroz;
- 3º) à manutenção de outras atividades, que é o caso típico do milho, explicando assim sua ausência nos valores referentes à comercialização da produção agrícola, bem como sua elevada frequência nas propriedades do núcleo, destinando-se à alimentação da: avicultura e suinocultura.

b) As culturas permanentes

Já foi acenado para a citricultura como sendo a mais importante cultura permanente de Holambra, cobrindo cerca de 20% da área cultivada pelos colonos. Deve-se ressaltar, ainda, que as plantas cítricas são as mais ubíquas entre todos os vegetais cultivados na colônia, uma vez que aparece em quase 90% das propriedades, superando o milho em mais de três por cento.

Entre as culturas permanentes aparecem em seguida o abacate, em aproximadamente 7% dos estabelecimentos que se voltam para este tipo de atividade, o café, a noqueira pecã e a banana, respectivamente em 2,0%, e a manga em apenas 1% das unidades de exploração. Deve-se ressaltar, todavia, que destas apenas o café e o abacate possuem certa expressão econômica.

Examinando mais detalhadamente a citricultura, verifica-se que ocorre em média 310 pés por hectare, sendo que cerca de 70% das propriedades possuem menos de 3 000 plantas cítricas, havendo maior frequência na classe de 1 000 a 1 999 unidades, com aproximadamente 26% dos estabelecimentos que se dedicam a esta cultura, como pode-se constatar pela tabela a seguir, embora excepcionalmente haja estabelecimentos com mais de 100 ha cultivados, ocupados com mais de 40 000 plantas (Fig. 7). Os dados,

aliás, evidenciam muito bem a concentração das superfícies cultivadas em aproximadamente um terço das propriedades, abarcando nada menos que 73,98% das cítricas existentes na colônia. Fica claro, da mesma forma, que, apesar de presente em quase todos os estabelecimentos a citricultura só adquire realmente expressão no momento que supera a casa das 500 unidades por propriedade, sendo que, embora não responda pela maior parte das áreas cultivadas, a maioria dos colonos cultiva pomares que variam de 500 a 3 000 pés.

HOLAMBRA - FREQUENCIA DA CITRICULTURA

Plantas cultivadas	Nº de propriedades	% das propriedades	Unidades cultivadas	% das Unidades cultivadas
0 - 49	2	2,53	40	0,01
50 - 299	7	8,86	1 055	0,45
300 - 499	4	5,06	1 382	0,59
500 - 999	11	13,92	7 904	3,38
1000 - 1999	21	26,58	29 019	12,42
2000 - 2999	9	11,39	21 358	9,14
3000 - 4999	13	16,45	52 388	22,42
5000 a mais	12	15,18	120 444	51,56
Total	79	99,97	233 590	99,97

Tendo-se em vista todos estes fatos, talvez seja útil destacar-se uma série de exemplos das diferentes formas de utilização das superfícies de uma propriedade, de acordo com as culturas praticadas no ano agrícola de 1968/1969, o que é feito na tabela a seguir, a qual deve ser analisada tendo-se em vista que o sistema agrícola praticado (rotação de culturas), explica os totais ocupados pelas plantas mencionadas, eventualmente superiores à área da unidade de exploração.

HOLAMBRA - FORMAS DE USO DO SOLO EM ALGUMAS PROPRIEDADES - ÁREAS EM HECTARES

Área da pro priedade	Citrus	Milho	Soja	Algodão	Cana	Arroz	Flôfes	Abaca te	Café	Trigo	Batata doce
15	5	5		5				3			
22	19										
26	0,2		1	10	7	7	0,5				
27	5	4	4	4	3						
30	20	3	6								
32	15	5	4	3	3	2					
37,8	3	15	4	10	6	6				3	1
89	1,5	25	14	21	3	16					
115	5	36,5	40			15	25,0				
197	30	15,5			15				12		

Êstes exemplos devem ser analisados em face de cada um isoladamente, sem pretender generalizar, uma vez que isto já foi feito anteriormente. Apesar disso pode-se salientar, novamente, a presença da citricultura em tôdas essas unidades de exploração como um fato que realmente marca a paisagem em Holambra. Ela está presente, praticamente, nas atividades agrícolas de todos os colonos, seguida dos cinco principais cultivos temporários, os quais são praticados em rotação.

Um dos aspectos, portanto, na individualização das propriedades vai ser ligado à maior ou menor importância da citricultura e das áreas destinadas às culturas temporárias. Em seguida vão se fazer sentir a presença de outras plantas, como por exemplo o trigo e as flôres, especialmente estas últimas, que exigem cuidados e atenções especiais.

### 3. Os rendimentos e as técnicas agrárias

Através de todos os fatos vistos até o momento, evidencia-se, claramente, que no conjunto das terras de Holambra pode-se reconhecer diversas possibilidades de combinações de culturas dentro de uma mesma unidade de exploração. Entretanto, encarado em seu conjunto, o núcleo caracteriza-se pela presença de propriedades em cuja estruturação a característica fundamental é a diversidade de atividades, as quais todavia, integram-se de maneira equilibrada dentro de padrões bastante elevados e que se destacam quando comparados com os mais frequentes no Estado, superando-os largamente quanto aos rendimentos obtidos.

As culturas de cereais podem ser tomadas como exemplos expressivos desta produtividade alcançada em Holambra. O arroz que no Estado de São Paulo apresenta rendimentos relativamente baixos por unidade de área cultivada com uma média de 1 100 kg/ha (Brasil 1 500 kg/ha) (4), registra em Holambra uma cifra de 2 500 kg/ha. Segundo o agrônomo do núcleo a produtividade dêste cereal apresenta a seguinte seqüência para os anos que se seguem a ocupação de uma parcela na qual o solo estava, até então, recoberto pela

vegetação natural que os imigrantes encontraram: no primeiro ano 800 kg/ha, no segundo 1.500 kg/ha e no terceiro 2.500 kg/ha; nesta mesma seqüência o milho registra, respectivamente 1.200 kg/ha, 2.500 kg/ha e 3.500 kg/ha, tendo chegado já, várias vezes, à casa dos 6.000 e 7.000 quilogramas por hectare.

Êstes contrastes no campo da agricultura repetem-se no campo da criação animal. É digno de nota, aliás, uma vez que isto permite uma caracterização expressiva do núcleo, a comparação da participação percentual do valor da produção de ovos na renda da agricultura do Estado e de Holambra, sendo que enquanto para o primeiro a cifra registrada foi de 4% para o segundo verificou-se um valor de 33% no ano de 1967. Nesta mesma data Holambra participou com quase 5% no total de aves abatidas no Estado, entregando também ao mercado consumidor cerca de 1,5 milhão de dúzias de ovos.

Quanto à criação de bovinos vale a pena assinalar que enquanto a densidade de cabeças por unidade de área no Estado é bastante inferior a 1/ha (5), em Holambra esta relação sobe a 2 por hectare.

Esta produtividade é alcançada graças aos elevados padrões técnicos que se refletem nos cuidados com a recuperação e conservação dos solos através da adubação, irrigação e práticas conservacionistas, como o uso por parte de todos os imigrantes de culturas em curvas de nível, o que, aliás, pode ser constatado através de uma análise atenta da carta de uso do solo.

Segundo o levantamento efetuado, aproximadamente 82% dos colonos dispunham de, pelo menos, um trator totalmente equipado com os acessórios necessários à agricultura; nada menos de 16% declararam possuir dois ou mais tratores completamente equipados, sendo legítima a suposição de que estas cifras sejam ainda mais elevadas. A relação superfícies cultivadas por trator reflete bastante bem a mecanização da colônia e a salienta no espaço agrário paulista, pois enquanto em Holambra temos 32 ha/

trator, no Estado êste valor situa-se em 92 ha/trator (Itália 51, USA 40) (6).

Boa parte dos agricultores dispõe também de colhedadeiras, máquinas para o beneficiamento de cereais e, a grande maioria, bombas para elevação da água e irrigação, que é extremamente importante na floricultura. Os colonos que não possuem tratores, ceifadeiras, colhedadeiras, etc., podem utilizar-se dêstes instrumentos através do aluguel, pago por hora à Cooperativa, da qual praticamente todos são associados, ou a outros agricultores.

A orientação para tôdas estas atividades é fornecida pela Cooperativa, embora alguns colonos tenham declarado, ainda, que eventualmente procuram também outras fontes de instrução, o que é, contudo, um fato excepcional. Talvez mais importante do que isto seja a preocupação constante em obter esclarecimentos através da leitura de publicações especializadas, à qual quase todos recorrem como importante fonte de orientação e que permite a muitos, a atualização constante dos ensinamentos adquiridos em cursos agrícolas feitos ainda na Holanda.

#### NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1. SÃO PAULO - CENSO AGRÍCOLA DE 1960. Rio de Janeiro, CNG, IBGE, 1960.
2. Os dados referentes à Holambra foram obtidos através do inquérito aplicado em 1968, os demais são referentes ao recenseamento de 1960; deve-se observar que a própria presença da colônia influenciou os dados relativos a Artur Nogueira, Cosmópolis e Jaguariuna, pois suas terras distribuem-se por êstes municípios.
3. Os valores da produção foram deflacionados tomando-se por base o poder aquisitivo de 100 000 cruzeiros velhos em 1951, segundo os índices da Divisão de Estatísticas e Documentação Social da Secretaria da Educação e Cultura do Município de São Paulo, publicados em 1966.
4. Divisão de Economia Rural do Departamento da Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo - Agricultura em São Paulo, nº 9/10, 1965.
5. Idem, nº 7/8, 1965.
6. Idem, nº 5/6, 1967.

TERCEIRA PARTE

A COMUNIDADE DE ORIGEM HOLANDESA E SUA ORGANIZAÇÃO

## 1. A estrutura demográfica

Holambra, como comunidade, pode ser definida em sua composição física através da análise de sua população representada de maneira esquemática nos gráficos de análise e síntese da fig. 8, nos quais registra-se inclusive, a composição de cada família entrevistada, que se define em cada linha horizontal através da representação de seus componentes de acordo com a idade cronológica..

Logo a primeira vista ressalta a juventude da população, pois nada menos que 75% dos indivíduos possuíam em 1968 menos de 30 anos, sendo o grupo com menos de 20 anos (63% do total) composto em sua quase totalidade por neerlandos-brasileiros, ou seja, filhos dos imigrantes holandeses nascidos no Brasil (cerca de 49% dos habitantes do núcleo). Pode-se constatar, mesmo, que não há nenhuma criança com menos de 5 anos de nacionalidade holandesa, o que aliado ao fato de que quase todos os casais terem mais de 30 anos, pode indicar uma interrupção na chegada de novos elementos, ou seja uma estabilização, no sentido de já se ter definido o quadro básico da imigração para este núcleo, pelo menos dentro do espaço que ele dispõe no momento.

Verifica-se, ainda, alguns desequilíbrios que se refletem na pirâmide de idades, como ausência de algumas classes, o que é fruto da forma como se definiu esta comunidade, sendo interessante constatar que a população masculina revela maior equilíbrio na disposição através das faixas etárias que a feminina. Está claro, igualmente, que em certas épocas ocorreu em Holambra maior nascimento de meninos que meninas, invertendo-se a seguir esta tendência, havendo no conjunto um equilíbrio entre os dois sexos, embora com ligeiro predomínio de mulheres.

Por outro lado esta população mostra-se extremamente fértil, o que se define em famílias bastante numerosas. Aproximadamente 15,33% dos casais possuíam

mais de 8 filhos, 58,67% possuíam entre 4 e 7 filhos, totalizando, pois 74% das famílias do núcleo, todas com 4 ou mais filhos.

Realmente a tendência é a família numerosa uma vez que 26% dos casais, ~~ou seja aqueles~~ que possuem menos de 4 filhos, são na maioria jovens casados há poucos anos, daí a prole ainda pequena.

Todos estes fatos podem ser percebidos claramente nas tabelas abaixo:

HOLAMBRA - composição % da população por idade e sexo		
Idades	Masculina	Feminina
1- 5	8,5	9,3
6-10	10,7	10,8
11-15	5,7	9,6
16-20	4,9	4,0
21-25	4,5	1,8
26-30	2,7	3,1
31-35	2,4	3,4
36-40	2,7	3,1
41-45	3,0	1,2
46-50	2,0	2,0
50 e mais	2,3	2,0
Total	49,1	50,4

HOLAMBRA - número de filhos por casal		
Nº de filhos	Nº de casais	% dos casais
1	3	6,5
2	4	8,6
3	5	10,8
4	9	19,6
5	7	15,2
6	6	13,0
7	5	10,8
8	2	4,4
9	1	2,2
10	2	4,4
11	1	2,2
12	1	2,2
Total	46	100,00

Deve-se assinalar, contudo, que a tendência entre os casais mais jovens começa a ser a composição de famílias menos numerosas, o que pode-se constatar nos contáctos pessoais com esta população, embora não se possa, ainda, mensurar esta orientação.

Em oposição à natalidade, a mortalidade é muito baixa registrando-se para o conjunto da população de origem holandesa residente no núcleo, uma taxa de aproximadamente 7/00, inferior portanto à da própria Holanda, revelando um padrão de salubridade extremamente alto, sendo a causa mortis, de modo geral, acidental, ou de caráter imprevisível, afetando sobretudo os mais velhos (doenças cardíacas, por exemplo).

Todos êstes fatos ligados à caracterização do grupo analisado são compreensíveis face aos aspectos particulares que presidiram sua formação, daí ser difícil uma colocação dêesses valôres ante os padrões considerados normais, uma vez que como grupo demográfico sua constituição apresentou características próprias.

## 2. A população nacional presente no núcleo.

Ao lado desta coletividade neerlandesa e neerlandobrasileira, Holambra abriga ainda uma considerável população de nacionais, fixa ou flutuante, encarregada de parte dos serviços da colônia. Na realidade a execução da maior parte das operações necessárias às práticas agro-pecuárias na maioria das propriedades, é efetuada antes de mais nada pela própria família holandesa, a qual, contudo não pode dispensar o auxílio constante de um certo número de brasileiros, que aumenta consideravelmente na época das colheitas.

Geralmente todos na casa tem uma função na propriedade: o colono centraliza a maior soma de trabalhos e responsabilidades, sendo que a mulher e os filhos podem desempenhar importante papel, especialmente na avicultura. Contudo, dada a multiplicidade das atividades e o serviço que elas exigem, não é possível definir-se na unidade de exploração um trabalho unicamente

familiar, se êle ocorre na colônia é a exceção e não a regra.

O número de trabalhadores fixos por propriedades é, de um modo geral baixo, como pode se desprender dos dados que se seguem:

<u>HOLAMBRA- distribuição da mão de obra fixa por propriedade</u>		
<u>nº de empregados</u>	<u>% das propriedades</u>	<u>% dos empregados</u>
1	50,5	20,5
2	24,1	19,5
3	12,1	15,0
4	3,3	5,5
5	3,3	7,0
6	1,1	2,0
7	1,1	3,0
8	1,1	3,5
12	1,1	5,5
15	1,1	7,0
29	1,1	11,0

Deve-se observar, antes de mais nada, que esta tabela foi elaborada com base nas respostas fornecidas por 93,8% dos proprietários de Holambra, os quais de clararam possuir mão de obra fixa, empregada nas atividades agrárias. Em face disto, êstes dados evidenciam que, praticamente todos os colonos necessitam de trabalhadores assalariados durante o ano todo. Esta mão de obra pode aparecer, à primeira vista, reduzida, uma vez que 86,7% dos estabelecimentos dispõem de 3 ou menos empregados, os quais definem 55,0% do total dos assalariados permanentes em Holambra, sendo que cerca da metade dos colonos dispõe de apenas 1 trabalhador fixo no decorrer do ano, contudo, ela é perfeitamente suficiente, durante a maior parte do ano, dada a estrutura fundiária e a composição da família.

É necessário destacar-se, todavia, que cerca de 3% das propriedades, dispondo cada uma mais de 10 assalariados permanentes dão emprêgo a quase 25% do pessoal fixo, sendo que apenas uma delas emprega 11% dêste pessoal. Essas propriedades correspondem, exatamente como seria de se esperar, aos maiores estabelecimentos quanto às superfícies ocupadas. Registra-se, entre êste

grupo de unidades de exploração, um caso excepcional representado por uma das maiores propriedades de Holambra, a qual emprega também dois administradores:

Quanto á nacionalidade dessa mão de obra, é toda brasileira, havendo apenas duas exceções: um alemão e um holandês; no que se refere ao sexo é praticamente toda masculina, sendo que apenas 3,5% é formada por mulheres. Ela é em sua maioria originária da própria região, dos municípios vizinhos à Holambra, aparecendo também um número expressivo de mineiros do Sul do Estado; apenas um baiano foi citado pelos colonos.

Esses assalariados são quase todos (cerca de 93%) mensalistas, recebendo na data do levantamento, o salário mínimo regional (aproximadamente R\$117,00), com pequenas variações, geralmente para mais. Entretanto deve-se registrar que uma fração desta soma, em uma grande parte das propriedades, era descontado como aluguel pela casa que ocupam, uma vez que na maioria dos casos esse empregado possui também uma família junto consigo; este desconto gira em torno de 20% do salário pago. Em consequência, estes trabalhadores recebiam líquido cerca de R\$95,00 mensais.

Esse proletariado rural é relativamente estável em Holambra, uma vez que 90% dos colonos contam com mensalistas que trabalham na propriedade já há mais de um ano; verifica-se, inclusive casos de empregados que estão no mesmo estabelecimento há mais de 10 anos. Contudo essa observação não é válida para todo o contingente demográfico que Holambra emprega, pois em épocas de colheita ela é obrigada a lançar mão de trabalhadores volantes, os quais recebem por dia e formam um grupo muito instável

Os diáristas formam a grande maioria da mão de obra utilizada pela colônia, recrutados nas épocas de serviços mais intensos, como colheitas e tratos culturais. Para obter o concurso desta população, o colono requisita à Cooperativa Agro-Pecuária Holambra o número de braços necessários à sua colheita e esta se encarrega de entrar em contacto com os empreiteiros, encaminhando-os à medida que recebe as solicitações. Estes traba-

lhadores vêm de caminhão dos municípios vizinhos; Artur Nogueira, Cosmópolis, Mogi-Mirim, com mais frequência de Itapira e quase nunca de Campinas, recebendo por dia R\$ 3,50 os homens e R\$ 2,00 as mulheres, sem refeições, havendo porém casos em que o trabalho é pago tendo por base a tarefa executada.

Embora cerca de 75% dos agricultores declarassem não ter problemas especiais com a mão de obra assalariada, na realidade pode-se arrolar uma série de fatos, que quase todos são unânimes em salientar; entre eles podemos destacar dois:

1º) Falta de qualificação, essa população assalariada é de baixo nível cultural analfabeta na maior parte, incapacitada para certos serviços que exigem maior atenção ou técnica, como a avicultura e a floricultura por exemplo. Há reclamações frequentes entre alguns colonos da quebra de máquinas causada pela falta de atenção com que são manuseadas, muitas vezes fruto da ignorância.

2º) Em épocas de maior solicitação há problemas de distribuição, em face do que um sítio possa ter que esperar certo tempo para ver seu pedido de trabalhadores atendido pela Cooperativa, causado pela falta de diaristas em relação aos pedidos. Este fato, aliás, é bastante interessante e chama a atenção, pois se o trabalhador volante é um sub-empregado, isto deveria significar que há falta de trabalho, contudo em certas épocas do ano dada a solicitação que se verifica na região, surgem dificuldades ligadas á falta de mão de obra, o que é paradoxal e revela um problemas geral e bastante importante em nosso meio rural e que afeta a todos.

Quanto ao nível cultural dêsse proletariado rural, todos reconhecem a grande diferença que separa os originados de Minas Gerais, daquêles recrutados entre a população vizinha do núcleo, bem melhor equipada culturalmente.

### 3. A Cooperativa e a Igreja na estrutura da comunidade

A população de nacionais engajada nas atividades agrícolas de Holambra, acaba formando uma coletividade \_ relativamente marginal em relação ao grupo de imigrantes holandeses, os quais definem uma organização comunitária bastante complexa e que repousa antes de mais nada, na Cooperativa Agro-Pecuária Holambra, cujo organograma aparece na pag. seguinte, à qual integrava em 1968 cerca de 133 das 136 famílias residentes no núcleo.

Face aos objetivos que a Cooperativa se propõe, cumpre destacar (além da promoção da imigração para o Brasil, do estabelecimento dos colonos, da comercialização da produção, ao lado de sua assistência técnica e industrialização, quando for o caso), a organização de uma "comunidade de modo que não somente esta geração, como também a sua descendência, possa achar um bom meio de vida, quanto ao ambiente espiritual e social", segundo as palavras textuais do seu presidente, em consequência do que ela é, antes de mais nada, o principal instrumento da manutenção do elevado nível que os holandeses trouxeram de sua terra natal, atuando como força propulsora e sustentadora dos padrões técnico-culturais, que poderiam de outra forma, não só manter-se estagnados como mesmo \_ regredir neste novo meio

A Cooperativa, integrada à Igreja em sua ação social, surge na colônia como cerne da comunidade, e não se pode, sem ela, ter uma idéia correta desde os fatos ligados às técnicas agrárias, até as horas de lazer do grupo, passando pelo beneficiamento e comercialização da produção, bem como à assistência médico-hospitalar e educacional.

Sua intervenção na vida dos colonos começa, por exemplo através do estudo dos diferentes tipos de produtos que sejam adequados à colônia, levando em consideração o quadro natural, mas também a posição destes elementos no mercado, sua valorização e aceitação. Por outro lado financiando a aquisição de implementos, fornecendo adubos e rações necessárias ao seu tipo de solos, culturas e plantel, ela garante, a colocação desses produtos no mercado, mantendo também uma série de instalações para beneficiamento e embalagem da produção. No caso da criação animal, por exemplo, ela mantém um abatedouro de aves o qual registra, em média a passagem de 50.000 cabeças, mensalmente, dispondo ainda de serviços de classificação e embalagem de ovos. Na pecuária sua orientação vai desde os processos de fecundação, importando semem congelado dos U.S.A. e mantendo dois touros holandeses, até o tratamento e alimentação dos animais, em função do que mantém uma fábrica de rações e instalações para recepções e comercialização da produção. No setor agrícola mantém estreitos vínculos com a pesquisa e renovação dos métodos e técnicas, através de contactos freqüentes com o Instituto Agrônomo de Campinas e Instituto Biológico de S. Paulo. Para a citricultura mantém um "packing-house", muito bem equipado, além de grande variedade de máquinas para o beneficiamento de produtos agrícolas em geral e para cereais em particular, para os quais possui armazens, estando preocupada com a instalação de silos.

A comercialização da produção entregue à Cooperativa pelo agricultor é feita à base de consignação a 5%, dos quais 1% referem-se à taxa do FUNRURAL. Para a colocação de todos os gêneros produzidos no mercado, ela conta com um grande número de depósitos localizados nos principais centros consumidores do Centro-Sul-----além de Campinas, que é seu mercado consumidor mais estável, embora esteja longe de ser o maior, a Cooperativa possui depósitos no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Pôrto Alegre e São Paulo, onde dispõe de escritórios no CEASA e no Mercado Central da cidade, confirmando a metrópole paulistana como principal centro de consumo de seus produtos.

Outro papel desempenhado pela Cooperativa e que, merece destaque especial, são os ligados aos diversos serviços médicos e sociais prestados à população, especialmente os vinculados aos setores culturais e religiosos, que permitem ao colono o desfrute de um ambiente sadio, no qual, entretanto, as forças voltadas para o processo de aculturação sofrem um considerável retardo.

Antes de uma análise dos fatos ligados à escola e à Igreja, deve-se acenar para a eficiente organização do serviço médico-hospitalar prestada pela Cooperativa à seus associados e que pode também, ser usufruído pelos nacionais à serviço da comunidade holandesa, mediante o pagamento de uma taxa que se aplica igualmente aos neerlandeses e seus descendentes. Essa taxa varia de acordo com o estado civil e a idade das pessoas; assim é que em 1968 a contribuição referente à mensalidade de uma família era de R\$ 2,50, à de uma pessoa solteira com mais de 18 anos correspondia a R\$ 1,50, descendo a R\$ 0,50 para os menores de 18 anos.

A Cooperativa dispõe de um gabinete dentário e relações especiais com o Hospital da Beneficência Portuguesa em Campinas, que faz um abatimento de 50% nas despesas efetuadas pelos colonos.

É, porém, suas atividades no campo do serviço social, (que à liga à Igreja, escola, cursos sobre assuntos referentes à vida rural, biblioteca, etc., os quais ela orienta e mantém), que devem ser destacadas face à organização da comunidade. Sem essa assistência, prestada em conjunto com a Igreja Católica, dificilmente poderia se compreender a manutenção, já durante mais de duas décadas, dos padrões culturais trazidos pelos imigrantes, os quais apresentam até o presente poucos traços da cultura brasileira.

Sendo Holambra um núcleo de colonos católicos romanos, muito conscientes de sua fé, a Igreja tem grande importância em sua estruturação; em torno dela definem-se diversas associações, as quais acabam ~~estendendo-se~~ também, através de agrupamentos leigos, objetivando o lazer e que

caracterizam um importante aspecto da colônia. Essas associações, aliás, são fáceis de ser entendidas tratando-se de imigrantes provenientes dos Países Baixos, onde os mais diversos agrupamentos marcam a vida nacional, sob variados pretestos e com múltiplos objetivos. Este aspecto de caráter holandês preservou-se em Holambra, através das organizações patrocinadas pela Igreja e pela Cooperativa.

A influência da religião estende-se até o setor escolar em associação com a Cooperativa, daí encontrarmos no núcleo 2 escolas de nível elementar, 1 particular mantida pela Cooperativa e dirigida por religiosas e outra pública. Esta dicotomia surgiu já nos primeiros anos da colonização, embora não existisse a princípio. Logo depois de estabelecido os primeiros colonos, foi criado pelo Governo do Estado um Grupo Escolar, o qual passou a receber crianças brasileiros e holandeses. Contudo, além das dificuldades de comunicação entre as crianças estrangeiras e os professores, surgiram ainda problemas ligados ao papel que a religião deveria desempenhar na escola, que acabaram se agravando com a presença de religiosas enviadas da Holanda as quais procuraram exercer certo papel, pelo menos entre crianças de origem neerlandesa; a posição da direção do Grupo Escolar em não aceitar estas interferências resultou em choques entre a comunidade e a escola.

A Cooperativa voltou-se então para este campo e conseguiu, por volta de 1953, a autorização para fazer funcionar um estabelecimento com jardim e pré-primário para filhos dos cooperados, sendo que a seguir estas classes evoluíram dando origem à "Escola São Paulo", dirigida a princípio por freiras holandeses, as quais fizeram cursos no Brasil para receber a autorização necessária ao exercício do magistério e, posteriormente, por religiosas brasileiras da ordem franciscana de Oirschot (Holanda). em 1969 a Escola contava com 198 alunos, todos holandeses, possuindo o Grupo Escolar Estadual 185 estudantes, dos quais 5 filhos de agricultores holandeses não associados à Cooperativa.

Esta escola particular tem, durante os primeiros anos, o papel de ensinar a criança a se expressar em português, na realidade só a partir do segundo ano primário o

ensino pode ser ministrado totalmente em nosso idioma, sendo que ela se esforça para evitar as comemorações holandesas, dando destaque às festas nacionais, as quais, como sabemos, tem um grande papel no ensino elementar.

Os colonos são unânimes em manifestar sua satisfação para com a escola mantida pela Cooperativa, apontando sempre sua superioridade, que além de um conteúdo mais desenvolvido apresentaria também uma disciplina mais rigorosa. Realmente, em termos de conteúdo ela é superior à escola pública e nem poderia ser de outra forma, dada as diferenças que separam as duas clientelas servidas, as quais possuem diferentes níveis de vida, além da diversidade dos problemas que ambas enfrentam.

Entretanto os próprios imigrantes sentem perfeitamente o papel negativo que a escola particular representa no processo de aculturação, daí muitos serem contrários à criação de uma escola de nível secundário, que poderá facilmente ser definida nos dias atuais, com o curriculum de oito anos.

Em face da presença dessa escola particular na colônia os adolescentes só vão ter contactos mais estreitos com a comunidade nacional já na escola secundária, frequentada praticamente por todos, para o que recorrem aos centros urbanos vizinhos, sendo muito comum a existência de famílias com elementos que estão cursando ou já cursaram escolas superiores (agronomia, medicina, carreira religiosa)

Além dessa assistência prestada à coletividade holandesa, a Cooperativa preocupa-se também com a comunidade nacional e entre os serviços que ela procura prestar ao país, deve-se salientar um curso de líderes rurais, o qual vincula-se igualmente ao Ministério do Trabalho, através do Departamento Nacional de Mão de Obra e ao Comitê Intergovernamental de Migrações Européias, que financiam a estadia de jovens brasileiros para a realização do mencionado curso, o qual conta com os serviços do padre, do economista e do agrônomo de Holambra.

O contacto mantido com uma turma de estagiários que permaneceram alojados na colônia no segundo semestre de 1969, realizando este curso, permite, embora de maneira precária, algumas observações neste campo. Estes estudantes eram em número de 12 rapazes, entre 20 e 22 anos de idade, 6 vindos do Pará e 6 de Pernambuco, todos originados de áreas urbanas onde frequentavam anteriormente o segundo ciclo do curso secundário, sendo que alguns estavam matriculados no técnico de contabilidade.

A maior parte do tempo estes rapazes permaneciam sem fazer absolutamente nada, uma vez que as aulas ocupavam apenas uma parte do dia, ao que deve se acrescentar o isolamento no qual se achavam frente à comunidade holandesa.

Se esta turma for representativa do que normalmente ocorre neste curso, esta iniciativa da Cooperativa deverá ser revista, não apenas em relação à seleção do pessoal como também na reformulação do tratamento dispensado aos jovens, especialmente quanto ao relacionamento com a comunidade, bem como no currículo, o qual apresenta uma parte bastante extensa de conhecimentos teóricos.

Esta problemática parece nada mais ser do que um reflexo do relativo isolamento no qual vive a comunidade, o que pode ser consubstanciado ainda melhor no pequeno número de casamentos mistos na colônia, o qual, segundo o padre que a serve, Norbertino de Heeswijk, alcançou em 20 anos o número de sete, sendo que, todavia, nos questionários respondidos pelos colonos evidenciou-se que algumas dessas uniões não interessavam à nacionalidade brasileira. Na realidade, este aspecto do isolamento em que vive o grupo foi até agora pouco sentido, sua existência começará a se definir daqui para frente, uma vez que os filhos dos imigrantes começam, atualmente, a alcançar a idade do matrimônio. Daí ser até certo ponto natural a inexistência, atual, de casamentos mistos.

#### 4. As relações entre as comunidades holandesa e nacional

Em todos os setores, os contactos entre brasileiros e holandeses são pouco intensos e o processo de aculturação

é ainda bastante incipiente, o que se reflete na manutenção dos padrões holandeses dentro da comunidade. Uma boa medida disto pode ser tomada pelo fato de que cerca de 90% dos entrevistados terem declarado utilizar em família apenas o idioma holandês, sendo que 10% declararam utilizar, eventualmente, em família o português, especialmente com as crianças, embora o idioma normalmente falado seja o holandês. Isto se reflete ainda, de maneira muito expressiva, no fato de que muitos brasileiros que trabalham para os imigrantes acabarem também falando o holandês.

Entre os mais velhos pouquíssimos se expressam corretamente em português; igualmente as mulheres possuem um domínio pior do que os homens da língua nacional, refletindo seus contactos menos frequentes com os brasileiros, talvez neste aspecto o rádio e a TV venham a ter um papel bastante importante.

As crianças e jovens contudo, dominam perfeitamente o português em consequência do ensino, tanto na "Escola São Paulo", como nas escolas secundárias vizinhas, porém mesmo entre eles sente-se um uso mais frequente do holandês que do português.

A vida social reflete poucos contactos entre as duas comunidades, sendo um exemplo expressivo que nas festas realizadas na colônia é comum a definição de uma data para os holandeses e outra para os brasileiros, sendo que se a afluência de holandeses pode se verificar nas festas destinadas aos nacionais, a reciproca não se faz sentir.

Para explicar esta dicotomia em quase todos os aspectos da vida da colônia acena-se sempre em primeiro lugar para o desnível cultural que existe entre as duas coletividades, o que não deixa de ser um argumento bastante sólido, pois isto se reflete em padrões de comportamento às vezes conflitantes que poderiam gerar dificuldades.

Em face disto tudo, Holambra apresenta-se como uma comunidade rural fortemente aglutinada em torno da Cooperativa e da Igreja, as quais acabaram, especialmente a primeira, definindo uma organização interna que acarreta poucos

contactos entre holandeses e brasileiros, favorecendo-----  
ainda que isto não tenha sido sua intensão-----uma grande \_  
permanência dos padrões de origem e uma aculturação muita \_  
lenta, que leva parte dos próprios imigrantes a reclamar, ou  
pelo menos acenar, para êstes aspectos negativos. A opinião  
geral, refletida nos inquéritos, é quase unânime a favor da  
atuação da Cooperativa, embora haja algumas reclamações, es  
pecialmente no setor da comercialização, o que é perfeita -  
mente normal. Três pontos destacados por todos devem ser re  
gistrados, uma vez que em face do empreendimento abordado \_  
possuem certa relevância:

1º) O pequeno agricultor não pode, enfrentar todos  
os riscos que a atividade agrária impõe e neste setor a Co  
operativa dá um apôio fundamental a todos;

2º) As dificuldades que um estrangeiro encontra pa  
ra seu relacionamento com a comunidade nacional, na qual \_  
êle pretende se integrar, são muitas e extremamente comple  
xas, podendo ser mais facilmente superadas quando sua cole  
tividade se organiza através de um instrumento que lhe pres  
te assistência material e espiritual;

3º) Essa organização interna da comunidade pode, \_  
contudo, em certos aspectos adquirir conotações negativas, \_  
que se refletem em grande lentidão no processo de acultura  
ção, uma vez que evita muitos contactos com os brasileiros,  
os quais seriam forçosamente levados a travar, caso não exis  
tisse a Cooperativa. Daí a permanência dos padrões holande  
ses até hoje, com poucas alterações na comunidade.

Como consequência desta estrutura, a geração nascida  
aqui sé entra em contacto com a juventude brasileira a par  
tir de seu ingresso na escola secundária e só então começa  
a apresentar maior abertura para os padrões culturais nacio  
nais, distinguindo, com maior clareza, entre os padrões ur  
banos e rurais, uma vez que o baixo nível, em geral, de nos  
so homem do campo, vizinhos da colônia, é que leva muitas \_  
vezes a estereótipos que o holandês rejeita.

É exatamente na direção dos centros urbanos que \_  
mais vão se fazer sentir os contactos dos colonos com os

nacionais e é aí que se definem os principais instrumentos de integração entre as duas populações. O relacionamento Holambra-cidades vizinhas é feito com intensidade que varia de acôrdo com o nível e a natureza dos serviços procurados nêstes locais, o que permite o reconhecimento de pelo menos três centros básicos para a comunidade holandesa: Campinas, Artur Nogueira e São Paulo, aos quais pode-se associar de forma complementar: Mogi-Mirim e Limeira, (fig.9)

Campinas é o centro urbano fundamental para onde convergem os colonos em busca de artigos de uso pessoal, alimentação, medicamentos e aparêlhos eletro-doméstico, que não se encontram à venda na sede do núcleo, secundariamente surgem Mogi-Mirim, São Paulo, Artur Nogueira, Cosmópolis e Jaguariuna em ordem decrescente. O argumento básico para explicar esta predominância de Campinas é obvio: a pequena distância e a variedade do mercado. Já para a aquisição de implementos agrícolas e veículos, há uma dispersão maior dos centros abastecedores; embora Campinas seja ainda o núcleo mais importante, ela é seguida muito de perto por Limeira, vindo depois, em igualdade de condições São Paulo, Artur Nogueira e Santo Antonio de Posse.

Artur Nogueira é o centro principal para onde convergem os adolescentes neerlandos-brasileiros em busca de ensino secundário, seguido de Campinas e Mogi-Mirim. É interessante observar que esta cidade mantém um importante contingente demográfico de origem teuto-brasileira, além de ser o mais próximo centro urbano da colônia. A aquisição de jornais e revistas, tem como principal centro abastecedor São Paulo, o que também é facil de ser explicado. Quase todos os colonos assinam diários paulistanos, destacando-se a "Folha de São Paulo" e o "O Estado de São Paulo", como os de maior penetração; a seguir aparecem inúmeras revistas especializadas em assuntos agrícolas como "Coopercotia", "Aves e Ovos", "Dirigente Rural" etc., além de publicações holandesas, entre as quais cumpre salientar pela frequência "Het Beste" ("Seleções do Reader's Digest") e revistas referentes à vida rural.

Deve-se sublinhar que estas relações Holambra-centros urbanos são bastante intensas, como fruto do alto poder aquisitivo desta população rural, espelhando-se em todas as casas no equipamento eletro-doméstico disponível, que é extremamente variado. Para citar apenas alguns tipos de aparelhos, os quais refletem, de certa forma, dois diferentes tipos de preocupações, um voltado para o conforto do lar e o outro para a importância das comunicações com a sociedade e comunidade externa, basta lembrar que 86% das propriedades levantadas dispunham de geladeira, 61% de rádio, 49% de máquina de lavar roupa e 30% de televisão, para se concluir que dificilmente esses padrões definem-se em nosso meio rural, sendo encontrado apenas em centros urbanos de certas categorias ou mesmo em certos tipos de bairros residenciais das grandes cidades.

Quase todos proprietários dispõem também de veículos automotrizes além de charretes, tendo boa parte deste equipamento sido adquirido através de financiamentos fornecidos pela Cooperativa, pelo Banco do Brasil ou Banco do Estado de São Paulo. Esses veículos são utilizados tanto nas comunicações internas como externas da comunidade, sendo interessante registrar-se que, esquematicamente, pode se definir a charrete como instrumento de relações internas, especialmente para os poucos colonos que ainda não adquiriram veículos motorizados e crianças em busca da escola, surgindo o ônibus que faz a linha Artur Nogueira-Campinas, via Holambra, como o principal meio de ligações externas; é através dele que se faz o transporte dos adolescentes para os centros urbanos vizinhos em busca do ensino secundário, embora haja, também um ônibus especial para este fim.

QUARTA PARTE

A ORIGEM E O PROCESSO EVOLUTIVO DO NÚCLEO COLONIAL

A. A ESCOLHA DO SÍTIO E AS ESTRUTURAS DA PAISAGEM

Definido o interêsse na localização de imigrantes em grupos em núcleos coloniais vinculados às atividades a grárias no Brasil a KNBTB (Kathoelike Nederlandse Boeren en Tuidersbond) enviou para cá em 1946, uma comissão com o objetivo de estudar as condições oferecidas pelos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais, delineando-se, nesta oportunidade, três projetos de colonização, dois baseados na possibilidade da aquisição de terras nos arredores de Campinas (Fazendas Monte D'Este e Ribeirão) e um voltado para a gleba localizada em Alfenas, Minas Gerais.

A escôlha recaiu no Estado de São Paulo, cujo governador convidou, em 1947, um dos membros daquela comissão para uma segunda visita ao Brasil, manifestando grande entusiasmo pelo projeto daquela liga de agricultores católicos, acenando com facilidades para auxiliar esta iniciativa em terras bandeirantes.

A localização do núcleo prendeu-se a fatores de situação das duas fazendas mencionadas em face aos principais centros de consumo e sistemas viários que os servem, embora houvessem também considerações de ordem fisiográfica.

Decidiu-se, finalmente, pela compra da Fazenda Ribeirão, de propriedade do "Frigorífico Armour do Brasil", a qual abrangia uma área de 5.025 ha., ou seja, 2.080 alqueires paulistas, localizada a cinco km da rodovia Campinas-Mogi Mirim, distando por rodovia asfaltada, 38 km de Campinas e 120 km de São Paulo. A compra destas terras efetuou-se em 1948, alcançando a gleba um preço de R\$10.440.000,00, tendo o Governo Federal emprestado R\$3.000.000,00 para o pagamento da primeira prestação, sendo que esta parcela deveria ser resgatada em 1963. O restante da dívida foi transformado em empréstimo hipotecário a ser saldado através de oito prestações anuais, a partir

de 1952, com juros de 6%. Além disso o govêrno do Estado fez um empréstimo de R\$ 10.000.000,00, com o que puderam iniciar-se os preparativos para o estabelecimento do núcleo.

### 1. As formas do relêvo

A localização das terras adquiridas, nas proximidades de Campinas, já indica sua posição no conjunto das estruturas naturais do Estado, próxima do contacto entre as terras cristalinas pré-devonianas do leste de São Paulo com a cobertura sedimentar paleozoica da Bacia do Paraná, embora o núcleo possua seus limites totalmente dentro desta segunda unidade, portanto na parte mediana da Depressão Periférica Paulista, drenada pelo Tietê, cuja individualização já foi assinalada na década de trinta por Deffontaines (1) e que havia chamado a atenção de Denis (2), nos anos vinte, tendo porém, sido melhor definida em aspectos globais, em termos de morfogênese, em épocas mais recentes por Ab'Saber (3,4,5,6,7) e Marques de Almeida(8)

Situada em plena estrutura sedimentar, Holambra apresenta terrenos que são predominantemente do carbonífero superior, com ocorrência freqüente de intrusivas básicas (9), que se manifestam nítidamente na topografia, da qual pode se ter uma idéia melhor através da análise da fig. 10, onde estão registrados ainda os valores referentes à pluviometria do núcleo.

As terras de Holambra são drenadas por ribeirões de traçado dendrítico, afluentes do Jaguarí ou outros rios que lhe são tributários, o qual em conjunto com o Atibaia define, cerca de 20 km a oeste, o rio Piracicaba. A topografia deste trecho da Depressão Periférica está em sua quase totalidade acima de 575 metros de altitude, sendo que os principais divisores d'agua se alçam além de 625 metros, definidos em geral por colinas de topos suaves e tabulares, entalhadas por pequenos cursos d'agua cujos vales, freqüentemente, se mostram encaixados. O observador se vê face à uma secção dos terrenos sedimentares paleozóicos onde o horizonte, embora amplo, muitas vezes se vê cortado por pequenas cuestas, onde as partes salientes es

tão freqüentemente esculpidas em rochas básicas, responsáveis pelas manchas de terra roxa que ocorrem dentro da colônia. A análise da disposição dos divisores d'água mostra, facilmente, certos alinhamentos de direção WSW-ENE, com vertentes mais abruptas para SSE e suaves para NNW, refletindo o pequeno mergulho monoclinal dos terrenos sedimentares em direção a NNW.

No conjunto as formas são variadas, revelando mesmo certos aspectos acidentados, o que é fácil de se entender, considerando-se o caráter da região drenada pelo alto curso do rio Piracicaba e seus formadores, justificando-se plenamente a necessidade das curvas de nível como prática conservacionista adotada pelos colonos. É interessante assinalar que muitos agricultores de origem holandesa, além de alguns autores (10), enxergam certas semelhanças na topografia da área ocupada com a existente no Limburgo Meridional, embora deva-se assinalar que se trata de duas regiões totalmente diversas, não só em seus aspectos estruturais como também nos processos que se responsabilizam pelas respectivas morfogêneses.

## 2. A situação climática.

A êste substrato físico deve-se integrar alguns fatos referentes ao comportamento da baixa atmosfera neste trecho do Estado, cuja evolução através das estações foi de finida em suas estruturas básicas por Monteiro (11 e 12) Em primeiro lugar os valôres térmicos são relativamente atenuados pelo caráter planáltico da área, o que se reflete nas médias mais elevadas as quais se mantém abaixo de 23°C ocorrendo em dezembro e janeiro; nessa época do ano mesmo quando as temperaturas se elevam pela presença de massas de ar de elevado teor térmico, as madrugadas geralmente acabam sendo agradavelmente frescas. Em junho-julho as médias giram em tórno de 16°C, podendo porém ocorrer temperaturas bastante baixas, quando da invasão de massas de ar de origem polar, associadas a céus desprovidos de cobertura de nuvens, situação na qual o filamento de mercurio pode se aproximar de 0°C.

Considerando-se ôstes fatos podemos caracterizar Holambra como área na qual as amplitudes térmicas podem ser bastante elevadas, especialmente as diárias e em particular no semestre de inverno.

Contudo, mais que pela oscilação térmica é a variação das precipitações que caracteriza bem êste trecho da média depressão em seus aspectos climáticos. Constatase claramente, a grande diferença que existe entre o semestre de verão, úmido, e o de inverno, caracteristicamente pobre em precipitações. Porém, mais do que isto talvez sejam as irregularidades destas precipitações o principal característico do ritmo climático no decorrer do ano.

Esta irregularidade já se reflete nos totais anuais que variam muito de um ano para outro; assim é que, por exemplo, em 1957 tivemos um total de 1.507,6 mm, enquanto em 1961 foi registrado apenas 901,1mm, ou seja uma diferença de mais de 600 mm. Se descermos a análise no decorrer do ano comprovaremos mais uma vez êste fato; junho por exemplo, que normalmente é um mês com poucas chuvas em 1952 registrou 108,7 mm, ao passo que dezembro, normalmente bastante chuvoso registrou, em 1963, 62 mm.

Êste fato deve ser relacionado com a curva térmica (para a qual, infelizmente, não se dispõe dados em Holambra) e associado aos problemas de evapo-transpiração com todo seu cortejo de consequências no campo das atividades agrárias.

Observa-se, em face ao exposto acima baseado nos dados disponíveis, que de um modo geral a distribuição das chuvas é bastante irregular, sendo frequente anos que registram mais de um mês sem nenhuma precipitação. Tomando-se alguns anos expressivos como exemplos, constata-se que 1963 por exemplo excepcionalmente sêco, (originando problemas para todo o SE do Brasil) não registrou chuvas durante maio, junho e julho; assinalou precipitações praticamente nulas em abril, agosto e setembro, ostentando uma coluna pluviométrica excepcionalmente baixa para o mês de dezembro; no outro extremo, 1957 mesmo tendo registrado o maior total pluviométrico verificado em Holambra. com chuvas

durante todos os meses, assinalou uma cifra crítica para novembro, época de pleno crescimento vegetal sob temperaturas elevadas, o que aliás se repetiu em 1968.

Verifica-se, portanto, que as chuvas podem revelar-se problemáticas em Holambra face as atividades agrárias, não tanto pelos totais, mas pela sua repartição através dos meses e mesmo através destes, pois um mês com elevado coeficiente pode ter registrado essa precipitação concentrada em apenas alguns dias ou mesmo horas, seguindo-se depois um período de estiagem.

É natural, em face disto, que as práticas rurais em Holambra lancem mão, com certa frequência, da irrigação, especialmente para alguns produtos, como as flores, obtendo-se essa água através de riachos represados ou de poços, sendo que o nível do lençol freático varia geralmente entre 6 e 20 metros de profundidade.

### 3. O recobrimento vegetal.

Após estas observações sobre a morfologia e o clima, é justo que se volte para os aspectos da biosfera que definem o traço de união entre os dois elementos da paisagem mencionados acima. Contudo, é bastante difícil poder se definir, com precisão, os fatos relativos a esse campo em seus aspectos originais, em face aos processos históricos que interessaram a área, modificando profundamente estes componentes do quadro natural.

Quanto à cobertura vegetal, a análise de alguns documentos cartográficos (13,14,15), revelam uma toponímia que associa o trecho no qual se localiza Holambra à uma área não florestal, em forma de enclave ou periférica entretanto, à regiões recobertas por florestas. Assim é que a bacia do ribeirão Pirapitinguí surge dividida, claramente, em duas secções, o setor drenado pelos afluentes de sua margem esquerda em conjunto com o divisor d'água que o separa do ribeirão Cachoeira e parte das terras drenadas por este pequeno curso fluvial (ou seja, exatamente onde se localizam as terras ocupadas pelos inigrantes holandeses) surgem sob a denominação generalizada de borda

da mata, enquanto as terras tributárias de sua margem direita registram o topônimo mato dentro, sugerindo, portanto, a presença de uma vegetação, pelo menos, de porte mais elevada e densa de tipo florestal em oposição a uma formação mais aberta e rala, localizada na atual Holambra.

Recorrendo-se a instrumentos mais recentes (16), observa-se mesmo referências quando a ocorrência de manchas, na Média Depressão, recobertas por uma vegetação considerada por alguns como de tipo cerrado, sendo que, de fato, muitos trechos periféricos às terras cultivadas e onde a presença do homem é menos efetiva, a paisagem botânica, com arbustos espaçados e cobertura do solo por um tapete de vegetação rasteira, lembra aquela formação vegetal, além da presença de algumas espécies consideradas típicas daquele tipo de vegetação. Contudo é muito difícil precisar-se com exatidão o que era, em termos de composição florística, originariamente aquela paisagem onde estabeleceu-se a colônia. O fato concreto é que Holambra, provavelmente, localizou-se em um trecho onde a presença da mata não era efetiva, ou se fazia sentir de maneira descontínua, daí a expressão borda da mata, refletindo a vegetação menos densa, pelo menos não florestal, a qual atesta, atualmente, através de uma multiplicidade de elementos a presença do homem e sua intervenção sobre o meio.

#### 4. Os solos e as etapas de sua utilização

Também em seus aspectos pedológicos a área revela os sinais de um prolongado processo de atuação humana, que provocou sua degradação e modificação de propriedades.

Os solos de Holambra (17,18) resultam da decomposição de rochas constituintes do grupo Tubarão, de suas intrusivas e das terras cristalinas que se localizam a leste; É natural, portanto, que sejam muito variados. Se porém, forem excetuadas as manchas de terras roxas que ocorrem em alguns pontos da colônia, tem-se o predomínio dos solos conhecidos como glaciais, classificados no grupo dos latossolos (ortho-red-Yellow e ortho dark-red), ocorrendo também, especificamente na várzea do Pirapitingui, solos

hidromorficos. De um modo geral são arenosos e ácidos, pobres em fósforo, calcio, humus e, localmente, magnésio, com baixa fertilidade, daí o emprego de adubos para a correção dessas deficiências em larga escala pelos colonos.

Porém se sua composição química revela estas deficiências, sua estrutura física mostra-se francamente favorável, com boa profundidade, permeabilidade e porosidade, reagindo de forma positiva em presença dos corretivos químicos, podendo ser renovados totalmente em cinco anos de tratamentos adequados.

Solo e vegetação revelam, portanto, os sinais da presença humana anterior ao estabelecimento dos imigrantes a qual através de práticas rotineiras em nosso país provocou sua degradação e acelerou os processos erosivos. Realmente, a simples análise dos solos e do recobrimento vegetal nas áreas não cultivadas, revela o fato desta região ter sido ocupada pelo homem há algumas dezenas de anos com práticas agrícolas e, em seguida, abandonada (19). Até cerca de 70 anos atrás, aproximadamente, estas terras ainda se viam recobertas pelos cafezais, os quais a medida que os anos do século XX se escoavam foram cedendo lugar a pastagens e criação extensiva. Daí a presença, neste local, do Frigorífico Armour do Brasil até fins da década de 40, quando o crescimento dos principais centros urbanos do Brasil de Sudeste começou a justificar uma retomada das atividades agrícolas na região.

É portanto, tendo em mente o quadro natural e os processos históricos-econômicos que afetaram este trecho do território paulista que deve ser esboçada a paisagem encontrada pelos primeiros imigrantes neerlandeses que chegaram a este núcleo. De uma maneira esquemática, pode-se definir a seguinte sequência de quadros que se sucederam no tempo neste mesmo espaço:

1º) Mancha de vegetação aberta, periférica ou rodeada por matas;

2º) Povoamento luso-brasileiro baseado na cultura comercial do café e definição da Fazenda Ribeirão, nas vizinhanças da qual instalaram-se núcleos coloniais com imigrantes europeus, os quais de certa forma vincularam-se também a economia cafeeira (20,21)

3º) Substituição do café por pastagens ante a decadência dos solos e passagem da Fazenda Ribeirão para o controle do Frigorífico Arnour do Brasil;

4º) Revalorização das terras para atividades agrícolas face a ampliação dos mercados consumidores regionais com o crescimento acentuado dos principais centros urbanos do Sudeste do Brasil e definição de um núcleo de colonização agrícola com imigrantes holandeses, com o loteamento da Fazenda Ribeirão.

## B. O ESTABELECIMENTO E A EVOLUÇÃO DO NÚCLEO

### 1. A origem da população e motivação da migração

A população atual de Holambra I é proveniente de quase todas as províncias holandesas, embora haja uma frequência maior de famílias meridionais (Linburg, Gelderland e sul do Noord Brabant), registrando também a presença de 3 famílias dinamarquesas e uma indonesiana, embora apenas uma das primeiras tivesse sido abrangida pela anóstragen.

O inquerito revelou que praticamente todos vieram diretamente da Holanda para o núcleo, contudo duas famílias já se encontravam em terras do Brasil quando se definiu a colônia (uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro)

Quanto a causa que levou a maioria a emigrar, embora varie muito, pode ser esquematizada no geral em torno da situação existente na Holanda naquela época (anterior a formação do Mercado Comum Europeu para a maioria) onde além das dificuldades financeiras, a ausência de espaço criava problemas para estes agricultores católicos, tradicionalmente portadores de elevada taxa de natalidade. O Brasil surgia para eles como o país católico com melhores possibilidades em geral, aliada a abundância de terras que garantiria a manutenção do status de agricultor para eles e seus filhos. Contudo, embora estes sejam os aspectos fundamentais, há alguns colonos que admitiram ter vindo provavelmente por espírito de aventura, sendo que um deles declarou ter emigrado para esquivar-se do serviço militar. Por outro lado a possibilidade da colonização em grupo que

o Brasil oferecia foi um fator decisivo para atrair esta população.

Convém assinalar, como fato que talvez tenha algum significado, o argumento lembrado por 13% dos entrevistados, os quais declararam ter escolhido o Brasil atraídos pelas condições climáticas. Realmente constata-se que em Holambra I a grande maioria dos inigrantes aprecia as condições atmosféricas locais e seus tipos de tempo.

## 2. Estabelecimento e crise da colônia

Concretizada a compra das terras passou-se à fase de planejamento e instalação do núcleo colonial. Contudo, apesar da organização KNBTB os planos apresentados e executados, revelaram-se com o correr dos meses pouco realistas e desprovidos de bases técnicas e financeiras. Sob certos aspectos houve uma subestimação do custo que tal empreendimento envolveria como pode ser constatado pelos fatos que se seguiram ao início do povoamento.

Para execução deste empreendimento foi fundada a 5 de junho de 1948 a "Cooperativa Agro-Pecuária Holambra", com um número restrito de pessoas que já se encontravam no Brasil, a qual foi estruturada dentro de uma perspectiva coletivista que dificilmente poderia se impor a uma estrutura sócio-econômica mais ampla, à qual ela inevitavelmente deveria se ajustar, além do que acabou envolvendo entre seus associados agricultores extremamente ciosos de sua individualidade.

Esta organização dispunha-se a construir uma comunidade baseada sobre os ideais do cristianismo (englobava apenas agricultores Católicos Romanos), através de métodos cooperativistas que implicavam em padrões de relativa igualdade entre todos seus membros, refletindo-se isto em uma experiência de tendências socializantes, coletivistas e altamente idealista.

O critério de seleção dos candidatos que se apresentaram à inigração para Holambra (palavra construída com as primeiras sílabas da terra de origem, do continente e

do país de destinação) foi pouco rigoroso, não levando na devida conta a parte material ou psicológica dos interessados, em consequência do que vieram imigrantes de diferentes graus de experiência agrícola bem como portadores de diferentes concepções de vida.

Todos os candidatos accitos, entregaram à Cooperativa o capital que dispunham, com o que foi apurado entre os primeiros colonos que seguiram para o Brasil, o montante de \$ 7.000.000,00 os quais juntamente com o empréstimo efetuado pelo govêrno do Estado sonaram a quantia de \$ 17.000.000,00.

A Cooperativa propunha-se entregar a cada imigrante 10 ha de terras que se ampliariam em 1,5 ha para cada filho varão com mais de 17 anos. Entretanto como as contribuições dos colonos foram muito díspares, variando de 1.000 a 120.000 florins, a Cooperativa estabeleceu que os associados que houvessem entregues uma parcela superior a 25.000 florins poderiam receber lotes maiores, até um máximo de 20 ha., não fugindo muito, portanto, a um certo padrão comum a todos, dentro dos princípios por ela propostos

Definida a orientação da comunidade e obtidos os capitais necessários, iniciaram-se os trabalhos de conquista do espaço agrário, com a remoção da vegetação e amanho dos solos, já bastante desgastados e erodidos. A 14 de julho de 1948 iniciou-se, oficialmente, a conquista das terras para a agricultura com atividades de moldes coletivistas. Para êste trabalho definiu-se um esquema de tarefas, dividindo-se a terra a ser conquistada em secções, ficando cada una delas a cargo de um grupo de colonos, os quais executariam determinadas operações. Quando todo o trabalho de preparo dos solos estivesse concluído os lotes seriam divididos. Construíram-se, também, casas rústicas provisórias, que seriam abandonadas pelas definitivas posteriormente.

Todos êstes trabalhos foram iniciados por um grupo de 7 imigrantes do sexo masculino, solteiros, que desembarcaram em 1948 para preparar as condições mínimas à vida dos demais, cuidando da organização inicial desta comunidade.

Criadas as primeiras bases, ainda que precárias, iniciou-se o fluxo de famílias; em 1948 chegaram cinco, em 1949 este número sobe para 49, em 1950 desce para 28, reduzindo-se à apenas dois em 1951, refletindo a grave crise que se abate sobre a colônia. Em 1950 a comunidade contava com 653 pessoas, em 1951 tínhamos 673.

Em 1950 a colônia está a beira do fracasso total, a imigração cai rapidamente; distúrbios internos aliados a uma crise financeira se responsabilizam pelo período crítico, ao qual alguns colonos cognominaram como "a revolução". (22) A causa básica desta crise foi o planejamento executado sem um conhecimento suficiente da região na qual se instalariam os imigrantes; a seleção inadequada dos candidatos e o choque de alguns deles com a estrutura coletivista da comunidade. O planejamento e a execução dos trabalhos foi executado de maneira muito otimista, fugindo a realidade dos fatos.

Antes de mais nada, se houvesse um conhecimento preciso do ambiente físico da colônia não se teria escolhido o trigo como cultura básica, nem teria o gado trazido da Holanda sido dizimado pela aftosa, com o que a pecuária leiteira não conseguia desempenhar o papel que se lhe pretendia atribuir. Estes fatos foram agravados pelo esgotamento dos capitais que a Cooperativa dispunha, que se já eram insuficientes foram aviltados ainda mais pela inflação.

Acrescente-se a isto os problemas internos da estrutura coletivista que se chocava com o desejo de alguns em dirigir, desde o início, sua propriedade, o que era agravado pela pouca possibilidade que a Cooperativa tinha de se impor a todos, pela ausência de um executivo bem definido, em consequência de sua própria filosofia. Na falta de uma liderança clara, surgiram grupos de descontentes que disputavam o poder.

Tornou-se evidente a necessidade de uma reorganização geral do empreendimento a par da obtenção de um empréstimo, que garantisse a continuidade dos trabalhos e a própria sobrevivência do núcleo. Enviou-se, então, um

representante aos Países Baixos, onde as notícias dêste acontecimentos assumiram aspectos alarmantes, chamando a atenção do govêrno. Um dos objetivos desta missão seria a obtenção de um empréstimo para a colônia.

Ante a gravidade do problema o govêrno neerlandês enviou, em meados de 1950, uma comissão de estudos á Holambra, para um levantamento da situação real e das causas que levaram ao quase malogro do empreendimento. Retornando à Europa esta comissão apresentou ao Parlamento Neerlandês um relatório pormenorizado sôbre a crise que afetava o núcleo, deixando claro que, embora ôle estivesse em condições de insolvência o mesmo poderia ser recuperado já para os próximos anos (1952/53), desde que se tomassem certas medidas disciplinadoras, aliadas a uma reorganização dos quadros, de maneira mais realista, inclusive como empreendimento econômico.

Hack (22) resume as condições e medidas impostas para o auxílio governamental holandês da seguinte maneira a Cooperativa deveria:

- 1º) dispôr de uma soma de  $\text{fl}$  12.000.000,00 para o período de 1950/1952;
- 2º) ser transformada em um empreendimento com objetivos comerciais;
- 3º) não receber mais inigrantes até o momento em que pudesse auto-sustentar-se;
- 4º) sua administração deveria ser supervisionada por técnicos holandeses, os quais cuidariam da observância dêsses aspectos, condicionates do empréstimo a ser concedido para a recuperação de Holambra.

Em julho de 1951 o Parlamento da Holanda, considerando que a "liquidação da colônia não serviria aos interesses dos colonos nem aos da Holanda no Brasil", aprova um empréstimo de 2,5 milhões de guilders (cerca de 18.000.000 de cruzeiros, na época) concedido pelo "Boerenleenbank te Eindhoven"; com juros de 3,5%, responsabilizando-se pela subscrição de 9/10 desta soma, a qual foi completada pela KNBTB.

Considerando ainda que a crise surgida entre os

inigrantes era ,em grande parte, fruto da inexistência de uma liderança com poderes claramente definidos, o govêrno de Ansterdan indicou um Comissário para cuidar dos interesses do Estado Holandês e restabelecer a autoridade na colônia. Este enviado, que já havia adquirido larga experiência nas regiões tropicais das Indias Orientais, trabalhou certo período acessorado por uma comissão, tornando-se em seguida presidente da Cooperativa, pôsto que ocupa até o presente momento, definindo-se, uma fase de disciplina e organização.

A reestruturação de Holambra não foi feita sem resistências e conflitos dentro da comunidade, sendo que neste período inicial de reformas 4 famílias deixaram o núcleo, estabelecendo-se em Não-Me-Toque (RS). Em 1953 a Cooperativa redefiniu totalmente seu papel e suas relações com os associados, reorganizando a posse da terra de tal forma que cada agricultor receberia uma superfície proporcional ao capital investido no empreendimento, estabelecendo a seguinte relação entre o capital entregue à Cooperativa e as terras que corresponderiam ao colono.

Fl. 20.000	25 ha.
Fl. 30.000	30 ha.
Fl. 40.000	40 ha.

Fixou, também, que o mínimo que uma família deveria trazer para se instalar no núcleo era 20.000 florins, além do equipamento e gado necessário às suas atividades. Reestudaram-se os produtos a ser cultivados, lançando-se então mão do Instituto Agronômico de Campinas que fez um balanço das potencialidades dos solos, sua correção e as culturas indicadas; a pecuária foi revista surgindo a perspectiva da avicultura como atividade mais lucrativa e segura.

Estabeleu-se que cada inigrante seria responsável individualmente pelos empréstimos que recebesse da Cooperativa, desaparecendo o caráter coletivista da organização, o que descontentou muitos colonos. Por outro lado a Cooperativa passou a exercer uma fiscalização mais rigorosa sobre seus associados para evitar a comercialização da produção fora de seus quadros.

Como consequência de todas essas mudanças um grande número de descontentes deixaram a colônia. Cerca de 30 famílias partiram de Holambra, instalando-se parte no Paraná ("Tronco"), parte em Santa Catarina ("Tijuquinhas") e parte no Rio Grande do Sul ("Não-Me-Toque"), ampliando-se portanto as áreas do Sul do Brasil com presença holandesa.

Cada agricultor recebeu então seu lote, cujo tamanho mínimo foi fixado em 15 ha. e um crédito total médio em torno de R\$ 230.000,00, discriminados conforme os dados arrolados abaixo (23) e que deveriam ser resgatados em 11 anos, com juros de 8%

1. Para a compra de 15 ha.	R\$ 67.500,00
2. Para a casa e anexos	R\$ 60.000,00
3. Para aquisição de gado	R\$ 45.000,00
4. Para aquisição de implementos	R\$ 18.000,00
5. Para manutenção no 1º ano	R\$ 40.000,00

Estabeleceu-se nesta oportunidade um planejamento para o uso do solo nas diferentes propriedades; definiu-se em consequência o seguinte esquema para a ocupação de uma unidade de exploração com 15 ha. para o primeiro ano, considerando-se que a partir desta base poderiam os colonos desenvolver outras culturas, especialmente as de caráter permanente:

1. Construções	1,0 ha.
2. Pastagens	2,5 ha.
3. Milho	5,0 ha.
4. Arroz	3,0 ha.
5. Mandioca	2,0 ha.
6. Algodão	1,0 ha.
7. Batata-doce	0,5 ha.

### 3. A recuperação e a evolução posterior

Após este período de crise-----na qual a assistência brasileira foi relativamente falha, inclusive atrasando-se o pagamento do empréstimo concedido-----a colônia passou por uma fase de recuperação, entrando a seguir em uma nítida expansão econômica que vêm até os dias atuais.

Através dos fatos expostos acima pode-se compreender melhor a atual malha fundiária do núcleo, bem como o processo de ocupação dessas terras e sua evolução no decorrer dos anos, esquematizados na fig. 11. Nota-se que a grande maioria dos colonos entrevistados estabeleceram-se em Holambra na década de 1950 (78% do total), o que se explica pelo fato de cerca de 40% dos primeiros imigrantes terem abandonado o núcleo, durante ou depois da crise pela qual passou Holambra. Por outro lado percebe-se uma diminuição no ritmo de chegada de novas famílias, indicando que as terras disponíveis já estão praticamente ocupadas.

Este fato, inexistência de terras para atender os pedidos dos imigrantes que continuam surgindo, especialmente em face aos resultados positivos que Holambra começou a obter, ao lado das necessidades futuras em terras para atender o próprio crescimento vegetativo da colônia, começou a preocupar seriamente a direção da Cooperativa. Para sua solução fundou-se em 1.960, a "Cooperativa de Imigração e Colonização Holambra", a qual traçou planos para uma nova colônia, que se concretizou com a aquisição da "Fazenda das Posses", em Paranapanema, abrangendo uma superfície de cerca de 12.000.000 ha., a qual foi estudada também pelo I.A. de Campinas e loteada, fundando-se, então, Holambra II, o segundo núcleo de colonização agrícola holandesa em grupo no Estado de São Paulo, que irá desempenhar ainda um papel muito importante na evolução desta comunidade.

Quanto às mudanças na estrutura fundiária original de Holambra I, o número de lotes em que a colônia foi inicialmente dividida não reflete atualmente o número de unidades de exploração, pois em decorrência da evolução da colônia os agricultores puderam ampliar suas propriedades pela aquisição ou arrendamento de novas parcelas.

Quando inquiridos se já haviam cultivado outras parcelas que não as atuais, cerca de 39,6% dos colonos responderam afirmativamente, dos quais 40,5% como arrendatários, 24,3% como proprietários e 24,2% através de aluguel das terras da cooperativa. Mesmo tomando-se estes dados com precaução, pela dificuldade em definir em português

aos entrevistados qual sua situação, pode-se perceber certo dinamismo na organização deste espaço agrário, não ficando os colonos restritos ao cultivo de seus lotes, mas lançando mão com certa frequência, de outras terras, inclusive fora de Holambra I, demonstrando sua pujança econômica e ampliando as superfícies controladas pelos holandeses na região. Restringindo-se a análise das terras do núcleo, vê-se que as parcelas sob o controle de um mesmo agricultor, (fig.12), quando em número superior a uma, distribuem-se de acordo com diversas possibilidades, desde as contíguas, até as separadas por distâncias pequenas ou médias. É, aliás, interessante assinalar que a própria Cooperativa dispõe de terras para alugar aos colonos.

Ficou patente, igualmente, a satisfação geral da comunidade em relação à imigração, encarando-a como fato positivo, embora ainda haja alguns obstáculos a serem transpostos, como os ligados à aculturação. Segundo os entrevistados a imigração foi boa, especialmente para os filhos que possuem mais facilidades para a aculturação e um horizonte mais amplo. Admitem que possuem aqui o mesmo padrão de vida que teriam se tivessem permanecidos na Holanda, com a vantagem de possuírem terras suficientes para toda a família. Todos frisam porém, que as condições positivas só existem para os proprietários de terras, uma vez que o assalariado rural é muito mal pago no Brasil.

Constata-se, aliás, que não há, praticamente em nenhuma família o desejo manifesto de retornar à Holanda, a não ser a passeio, embora alguns tenham observado que emigraram, pois não podiam prever a atual prosperidade holandesa, assinalando que em termos de segurança, os Países Baixos oferecem, atualmente, melhores condições que o Brasil.

Também é digno de menção que 45% dos colonos entrevistados já estiveram na Holanda depois de seu estabelecimento no Brasil, geralmente em férias ou, eventualmente, a negócios. A este respeito chama a atenção, não pelo número, mas pelo que pode significar, o fato de ter-se registrado o caso de duas viagens à Holanda com objetivos matrimoniais.

Nas relações de parentescos dessa população no Brasil, os principais vínculos são com HolanbraII, embora envolvendo um número pequeno de famílias, havendo poucos casos de parentescos com os imigrantes que abandonaram a colônia indo fundar novos estabelecimentos nos demais estados do Brasil Meridional.

Se a maioria dos colonos neerlandeses considera a imigração um sucesso, este fato transparece de maneira ainda mais evidente no campo das atividades econômicas, o que se depreende facilmente da análise das figs. 13 e 14. Através destes gráficos pode-se seguir não só o crescimento da economia como os processos de transformação que afetaram a colônia e se refletiram na substituição de alguns produtos, os quais acabaram por definir Holanbra como um conjunto de pequenas propriedades baseadas na avicultura associada à citricultura e produtos temporários. Além disso, se estas mudanças nas culturas são explicadas em parte pela evolução de Holanbra, algumas refletem porém, a experiência de cada imigrante, que acabou por tomar certas atitudes em relação a alguns produtos. É o caso por exemplo, da mandioca, do arroz e do café, que foram declarados como culturas abandonadas por, respectivamente, 36,21 e 20 dos colonos entrevistados, sob diversas alegações, que vão desde os aspectos financeiros até os vinculados à ecologia da região e da exigência do vegetal.

A mandioca é considerada um produto cujo mercado é extremamente instável, ao passo que o arroz e o café, cultivados em pequenas parcelas, apresentam baixos lucros em relação às atenções exigidas. Também a cana-de-açúcar registra reclamações dos agricultores, pelos baixos preços que alcança, o que também explica certa retração na superfície e no número de propriedades voltadas para este produto.

Além disso algumas culturas, apesar de não serem as mais frequentes em termos de número de propriedades, surgem como um expressivo indicador do crescimento de Holanbra em direção à uma especialização em função de produtos altamente valorizados pelo mercado e que exigem aprimoradas técnicas para sua produção. É o caso, por

exemplo, da floricultura que a partir de meados da década de 1960 iniciou um processo de grande expansão. É digno de nota, aliás, que já se registraram remessas de flôres para a Europa (Alemanha), sendo que atualmente as experiências com plantio de tulipas começam a dar os primeiros resultados; também chama a atenção o aumento contínuo das áreas ocupadas por gladiólos, que já interessa grandes superfícies fora dos limites do núcleo colonial.

A mudança ocorrida define-se nitidamente, contudo, em termos de criação animal, a qual retomou sua importância com o desenvolvimento da avicultura e passagem para um plano modesto da pecuária bovina e suína. Isto é comprovado através da comparação do número de propriedades que se dedica a cada uma dessas atividades através dos anos (fig.6), desde a instalação de Holambra até os últimos tempos, sendo que o predomínio da avicultura esboçada na década de 50, caracterizou-se nitidamente nos anos de 60. Os dados abaixo relacionados, aliás, também espelham a mudança de atitude em relação à criação de bovinos, que de um objetivo predominantemente comercial passou a apresentar uma orientação voltada sobretudo para a subsistência.

**HOLAMBRA—Evolução do objetivo da criação de bovinos-% das propriedades**

	Objetivo inicial	Objetivo atual
Comércio	42,70	32,69
Comércio e Subsistência	23,00	23,80
Subsistência	33,80	43,60

Se estes dados não bastassem seria útil registrar que, excetuando-se uma propriedade, que a partir de 1965 se voltou para a pecuária, as superfícies ocupadas por pastagens diminuíram de 224,30 para 165,21 ha. em 1969, no conjunto dos estabelecimentos levantados.

**C. O USO DO SOLO E A TIPOLOGIA DO POVOAMENTO**

Essa orientação de Holambra para uma atividade agro-pecuária altamente qualificada é um dos aspectos principais que retratam com precisão o contraste entre essa comunidade e o espaço que lhe é periférico, refletindo-se no

uso do solo (fig.15), sua estrutura e tipologia do povoamento, que registram muito bem a dicotomia existente entre as terras ocupadas pelos colonos holandeses e as demais na organização dêste trecho da Média Depressão.

A carta do uso do solo em questão abrange uma superfície total de aproximadamente 160 km quadrados, sendo que nela Holambra surge como mancha contínua de terras cultivadas em parcelas geométricamente dispostas rodeadas por amplas áreas de pastagens salpicadas com campos cultivados e irregularmente dispersos, ou então campos com certa orientação, embora sem uma estruturação claramente definida. Se não fôsse suficiente esta faceta estática da paisagem que se nos apresenta neste esquema, bastaria lembrar o sistema agrário vigente na colônia e compará-lo com o sistema de rotação de terras que aparece claramente a nordeste da colônia ou as fazendas canavieiras de sudoeste de Holambra, ligadas às "plantations" tropicais. Este sistema baseia-se nos produtos temporários, já analisados anteriormente, cultivados através de uma rotação, a qual é baseada na alternância das áreas ocupadas principalmente pelo milho, soja-----a qual aparece como adubo verde-----, cana-de-açúcar, algodão e arroz; secundariamente pode aparecer ainda nesta rotação o trigo e, com menor frequência, a mandioca, a batata doce, o girassol, ou outro produto, quando, então uma daquelas cinco culturas citadas no início não aparece na propriedade.

Em praticamente tôdas as propriedades foi registrado o rodízio de culturas, ocorrendo a rotação de terras apenas excepcionalmente. Contudo aproximadamente 15% dos estabelecimentos praticam de forma secundária a rotação de solos, com superfícies de dimensões reduzidas destinadas ao pousio, sendo êste fato mais freqüente entre os cultivadores de flôres, basicamente na cultura de gladiolos.

O marcante, porém, é a rotação de culturas, com adubações química dos solos, associada à criação animal, especialmente a avicultura; deve-se assinalar, todavia, que êste sistema ainda não está, perfeitamente definido em sua seqüência, uma vez que, conforme palavras dos próprios colonos a experiência que trouxeram da Europa não se ajustava às condições locais, daí, ser necessário um

período mais longo de observações para que se possa ter uma sequência bem estruturada. Apesar disso há certos fatos em torno dos quais muitos são unânimes; registra-se com certa frequência uma alternância do milho com o algodão, do arroz com a soja. A cana-de-açúcar, ficando um período mais longo no solo, não apresenta tanta flexibilidade, surgindo algumas vezes na seguinte sequência: cana-de-açúcar, milho, pastagens, milho e soja.

Deve-se também ressaltar que cerca de 35% dos agricultores declararam trocar de plantas cultivadas com certa frequência, argumentando para tal problemas de mercado, deficiências hídricas, pedológicas e climáticas, além de fatos ligados à organização interna da propriedade, como o papel assumido pela criação animal.

Quanto à sucessão das atividades no decorrer do ano, na maior parte das propriedades, registra-se uma sequência que pode ser esquematizada através da fig. 16. Partindo-se do particular para o geral, constata-se a importância das culturas temporárias no ritmo das atividades rurais, o que é perfeitamente natural. Assim, logo que caem as primeiras chuvas em meados de setembro, inicia-se o plantio do arroz, do algodão, do milho e da soja, que se prolonga até dezembro ou janeiro, dependendo das exigências da cultura, das condições atmosféricas e da duração de seu ciclo vegetativo. Já em janeiro pode iniciar-se a colheita de algumas dessas culturas, exatamente em função da época em que se registrou o plantio. A colheita dura até julho, embora o período de maior atividade seja o mês de abril e mesmo maio, quando pode ocorrer a maturação de todos os produtos.

O período de colheita é também, em número razoável de propriedades, a época de preparo do solo e do plantio do trigo, aproveitando o início do outono e as temperaturas mais amenas. Nessas propriedades não vai haver, praticamente, o período mais livre que se verifica nas outras durante o fim do semestre de inverno, uma vez que nesta época far-se-á a colheita do trigo.

Pode-se, portanto, através desse critério-----período livre-----distinguir-se dois grupos de propriedades: o primeiro, mais expressivo numericamente, apresenta no tocante às culturas temporárias, certo período livre no fim do semestre de inverno, enquanto que o segundo registra atividades durante o ano todo, uma vez que além das culturas temporárias de verão, aparece também uma do inverno.

Considerando-se agora, além das culturas temporárias, as permanentes e semi-permanentes, nota-se que se as primeiras deixam certo período livre para o colono, as demais ocupam-no durante o ano todo, o que se reflete em atividades constantes durante todas as estações. Isto pode ser verificado no gráfico que sintetiza o calendário agrícola, onde as culturas foram representadas mais esquematicamente.

Na realidade, além do trabalho ligado ao plantio, tratos culturais e colheita das culturas temporárias, que se prolongam e tornam mais complexos no caso do trigo, o colono tem permanentemente voltada sua atenção para as citricultura que exige cuidados o ano todo. Também os estabelecimentos que cultivam flôres têm o mesmo ritmo de trabalho através de todos os meses, uma vez que se está sempre plantando e colhendo, pois o ciclo evolutivo das flôres fica em torno de 3 meses.

Mesmo assim, no conjunto dos estabelecimentos de Holambra pode-se perceber um período de menor intensidade na ocupação com as plantas, que corresponde ao fim do semestre de inverno, quando o tempo é empregado na limpeza dos terrenos, combate a insetos, reparo e construções de cerca, podas em certas culturas permanentes, etc. Neste período é interessante observar-se a realização, em julho do "Erntedankbar", ou seja a festa da colheita.

Esse sistema agrário reflete-se muito bem na paisagem e quem sai de Holambra dirigindo-se para o nordeste tem a nítida medida da violência do contraste existente entre as duas áreas, o qual reflete momentos e técnicas diferentes no processo de valorização das terras da região. Por outro lado verifica-se que as superfícies

que envolvem Holambra não são absolutamente homogêneas, apresentando fatos ligados ao povoamento e a valorização dos solos que permitem o reconhecimento de nuances entre uns e outros trechos, os quais refletem a permanência maior ou menor das diversas etapas históricas pelas quais passou este território. Assim é que se pode caracterizar no espaço abrangido por este esboço do uso do solo pelo menos quatro áreas individualizadas (fig.17)

I-Áreas predominantemente voltadas para a pecuária, com extensas pastagens naturais ou cultivadas, fracamente povoadas e com povoamento basicamente agrupado. As culturas predominantes são as temporárias, havendo pequenos trechos destinados à siviltura. Corresponde ao trecho NNE e S da região cartografada.

II-Áreas voltadas para as culturas temporárias (localizadas especialmente nos divisores d'água), citricultura e siviltura em pequenas parcelas. Ocorrência expressiva de pastagens, especialmente nas vertentes do Pirapitingui e seus principais afluentes. Povoamento disperso e nodular de fundo de vale e meia encosta, com presença frequente de pequenos agricultores, muitas vezes de origem européia, estabelecidos na região em fins do século passado e início do atual. É basicamente o setor NW da região levantada, aparecendo também como pequena mancha a SE destas terras.

III-Área ocupada principalmente pela cana-de-açúcar e siviltura com presença da grande propriedade; povoamento disperso e nodular. Localiza-se a SW de Holambra.

IV-Área de culturas predominantemente temporárias, com ocorrência significativa da citricultura. Predominância do povoamento disperso linear; parcelas cultivadas e rede de caminhos regularmente dispostas, convergindo para um núcleo central (Holambra)

A atual organização do espaço reflete, pois, superfícies contíguas cujos processos de povoamento e estruturação foram balizadas por mecanismos diferentes, daí o

contraste entre Holambra e sua periferia, que só é menos violento em relação às áreas a NW (Cosmópolis e Artur Nogueira), as quais foram, aliás, palco de processos de colonização que, guardadas as devidas proporções, assemelham-se à Holambra.

A consideração dessas quatro áreas implica no reconhecimento das alterações ocorridas nestas duas dezenas de anos que se passaram após a instalação de Holambra, uma vez que a fazenda Ribeirão integrava-se em fins da década de 40 no grupo caracterizado como predominância das áreas voltadas para a pecuária. Esta colônia veio a definir, então, u'a mudança no aumento das áreas cultivadas por pequenos proprietários, possuindo certos laços comuns com as terras situadas a noroeste, embora profundamente individualizada em relação àquele trecho em função das técnicas empregadas e da sucessão das atividades no decorrer do ano, além dos aspectos já assinalados anteriormente.

A estrutura física do espaço neste núcleo de colonização reflete um planejamento geral através do qual se dispôs um conjunto de pequenas e médias propriedades, servidas por uma rede de caminhos que convergem para um centro, o qual abriga uma série de serviços para a comunidade e que se localiza na antiga sede da Fazenda Ribeirão, cujos traços ainda podem ser notados em algumas construções.

A análise do povoamento e da rede de caminhos revela claramente o caráter que separa os imigrantes de seus vizinhos: na área ocupada pelos primeiros, surgem estradas ao longo das quais dispõem-se as casas e seus anexos, dando a idéia de um espaço organizado de maneira a ser aproveitado em todo seus aspectos, ao passo que nas demais, ou seja, aquelas ocupadas por agricultores nacionais, os fatos referentes ao povoamento surgem como tendo sido definidos de maneira natural, no sentido de que não foram planejados em seu conjunto, daí resultar que a circulação e disposição das construções dão ao observador a impressão de uma estrutura organizada ou regular na primeira área e de sorganizada ou irregular nas outras. É em face dessa organização, que uma tentativa de classificação do povoamento

permite o reconhecimento das formas irregulares ou desorganizadas, as quais refletem um fenômeno espontâneo e balizado mais evidentemente pelo quadro natural que as formas organizadas ou regulares, definidas pelos agricultores holandeses através de sua colonização (fig.18)

Observa-se que os agricultores nacionais prendem-se mais aos problemas de drenagem e facilidades de circulação oferecidos pelo relevo que os holandeses, daí suas construções possuem sítios localizados de preferência em fundos de vales ou meia encosta. Já os neerlandeses localizam-se com suas construções em qualquer compartimento topográfico da região, sejam divisores, altas e médias encostas ou fundos de vales, embora as casas e seus anexos estejam de preferência situadas nas altas encostas e divisores d'água, quando se trata de povoamento disperso e na média encosta e fundo de vale no agrupado, o que reflete, porém, o aproveitamento da antiga sede da Fazenda Ribeirão para a localização do centro da comunidade em Holambra.

Contudo, tanto no povoamento disperso-----que apresenta feições linear e predomina nesta área para brasileiros e holandeses-----como no agrupado que conserva muitos traços de linearidade, é patente a regularidade de um e irregularidade de outro, atestando, antes de mais nada, momentos diferentes de ocupação do solo, aliados à técnicas e organização sócio-econômica diferentes que presidiram a presença dessas populações na região.

Restringindo-se a análise ao espaço de Holambra I e descendo-se no detalhe de seu povoamento pode-se constatar uma série de fatos altamente significativos.

Em primeiro lugar o alto padrão social, econômico e cultural da população imigrante é refletido claramente na casa rural, que denuncia padrões ostentados por relativamente poucos no país e, raramente, fora das áreas urbanas. Embora haja diversidade de um agricultor para outro, não há nenhuma residência que possa ser apontada como de menor conforto. O padrão médio, definido pela planta e arquitetura conforme a fig. 18, mostra efetivamente o alto

gabarito dessas construções.

Convém aliás, observar que essas casas foram construídas aproveitando-se traços da própria experiência holandesa aliada aos característicos da região, daí, para o brasileiro que percorre a colônia a impressão de presença européia, dada a organização do povoamento e seu aspecto atraente e estético, ao passo que um holandês verá nessas construções apenas traços da área de origem dessas populações. Por outro lado a impressão de residência européia é reforçada aos olhos nacionais pelo mobiliário, que a maioria trouxe da Holanda, e seu arranjo.

Esta casa está sempre rodeada pelas demais instalações necessárias à vida rural: desde o poço d'água, até a granja e os estábulos, definindo um pequeno nódulo na paisagem, que se repete a distâncias relativamente regulares. O jardim e o pomar dão um toque na organização final do conjunto arquitetônico.

O núcleo da colônia, ou seja, a sede da comunidade apresenta atualmente aspectos de uma pequena cidade, associando a funções tipicamente rurais, atividades que apresentam-se enquadradas nos setores secundários e terciários e que dão vida e movimento à sua rua principal.

Em setembro de 1969, além das instalações da Cooperativa que prestavam serviços aos associados ("Escola São Paulo"; escola de Líderes rurais, escola para moças com cursos domésticos, biblioteca, padaria, clubes e restaurantes, motel, super-mercado, abatedouro de aves, classificadora de ovos, máquinas para beneficiar produtos agrícolas, oficinas e depósitos de máquinas, "packing-house", marcenária, fábrica de rações, escritórios e almoxarifado) e da Igreja (sede paroquial e convento), o núcleo possuía ainda u'a marcenaria, dois açougues, dois postos de gasolina, duas floriculturas (Rademaker e Schoenmaker), uma beneficiadora de arroz (Wagemaker), um bar e o Grupo Escolar Estadual.

É, portanto, um aglomerado que já se apresenta bastante complexo, com intensa vida econômica e que vem

crescendo rapidamente nos últimos anos, inclusive com construções de residências em ritmo acelerado e que já começam a definir certos aspectos para-urbanos no aglomerado.

Os habitantes deste centro são, em sua quase totalidade, brasileiros que prestam serviços aos holandeses sendo que as construções das casas são explicadas pelo recebimento de indenizações, conseqüente do rompimento do vínculo patrão-empregado, quando este se aproxima dos 10 anos. O brasileiro, que até então morava na propriedade do agricultor holandês, adquire um lote na sede de Holambra e constrói sua casa, continuando muitas vezes a trabalhar para o mesmo colono, em novas bases. Em função disto, como núcleo residencial, ele é basicamente brasileiro, aparecendo residências de holandeses em um pequeno trecho, a nordeste do aglomerado.

O crescimento do núcleo está começando a atrair, inclusive, pessoas das cidades vizinhas as quais aqui se instalam, para servir esta população crescente, daí a presença de açougues e bares; um desses comerciantes, aliás, declarou que se mudou de Jaguariuna para cá, uma vez que aqui há mais possibilidade de progresso, e, realmente pode se constatar este fato pela simples análise do espaço construído e seu crescimento (fig.18). A comparação da planta inicial (começos da década de 50) com a atual, mostra o desenvolvimento considerável, que se consubstancia na área construída cartografada esquematicamente em 1969. Esse crescimento expressa-se através de novas edificações mas também na reorganização dos edifícios e galpões da área central, os quais foram recebendo novas funções, a medida que o núcleo evoluiu.

Quanto ao plano do aglomerado, ele é caracterizado por uma rua principal, ao longo da qual se alinham as construções, definindo de certa forma uma "Strassendorf", que com a ampliação das construções poderá vir a perder este aspecto.

O desenvolvimento de Holambra vem acarretando

uma diversificação cada vez maior neste centro, cuja orientação em direção às funções urbanas torna-se cada vez mais perceptível. Isto se reflete de forma concreta no plano religioso, com a definição da paróquia de Holambra que se registrou a 8 de setembro de 1966, sendo que seus limites como unidade eclesiástica vão muito além da área ocupada pelos holandeses, tendo se organizado às expensas de Artur Nogueira, Santo Antonio de Posse, Jaguariuna e Cosmópolis. Possui como capelas sufragantes a dos bairros Palmeiras e Bairrinho, localizados em sua periferia,, no vale do Pirapitingui, o primeiro a montante do segundo, que aliás, definiu o exemplo visto de povoamento agrupado com agricultores nacionais.

Segundo informações fornecidas pelo pároco toda a Paróquia possui cerca de 5.000 habitantes, dos quais 3.000 localizados dentro dos limites da colônia, sendo que destes aproximadamente a metade é constituída por neerlandeses e neerlandó-brasileiros.

É útil observar, também, que raramente a população rural das capelas vizinhas comparecem à Igreja de Holambra, preferindo procurar esta assistência nas antigas paróquias, o que é explicado pela tradição, mas igualmente, pela dificuldade de contacto com os holandeses, e que faz com que o templo do núcleo se ligue mais à população holandesa, que por outro lado é mais cônica de sua unidade espiritual, definida através do Catolicismo Romano, que a população brasileira.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

- 1-Deffontaines, P. - Regiões e paisagens do Estado de São Paulo. Primeiro esboço de divisão regional. Geografia-nº 1, São Paulo, 1935
- 2-Denis, P. - Le Brésil. In La Blache, V. de. Geographie-Universelle, t.15, 1ª parte. Paris, Armand Colin, 1927
- 3-Ab'Saber, A.N.-Regiões de circundesnudação pós-cretácea no Planalto Brasileiro. Boletim Paulista de Geografia-nº 1, 1949
- 4-Ab'Saber, A.N.- A Terra Paulista. Boletim Paulista de Geografia nº 23, 3 a 38, 1956
- 5-Ab'Saber, A.N.- A geomorfologia do Estado de S.Paulo, - Aspectos geográficos da terra bandeirante. Rio de Janeiro, IBGE-CNG, 1964
- 6-Ab'Saber, A.N. - O relêvo brasileiro e seus problemas.- In Azevedo, A. de.-Brasil, a terra e o homem, vol. I.- São Paulo, Editôra Nacional, 1964
- 7-Ab'Saber, A.N. - São Paulo: o chão, o clima e as águas. In Marcondes, J.V. Freitas e Pimentel, O.- São Paulo,- espírito, povo e instituições. São Paulo, Pioneira, - 1968
- 8-Almeida, F.F.M. de.- Fundamentos geológicos do relêvo paulista. São Paulo, IGG- Secretaria da Agricultura, - Boletim nº 41, 1964
- 9-IGG - Secretaria da Agricultura.- Explanação do mapa geológico do Estado de São Paulo. São Paulo, Boletim nº 41, 1964
- 10-Mast, W. van der.- Praktijk en Patroon van Recente Nederlandse Groepsmigraties. Gronigen, P.Noordhoff, 1963

- 11-Monteiro, C.A.F.- A dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo. Estudo geográfico sob a forma de atlas. Rio Claro, Depto. de Geografia - da F.F.C.L., 1964
- 12-Monteiro, C.A.F.- O clima da Região Sul, cap.III.- Rio de Janeiro, IBGE-CNG, 1964
- 13-Instituto Agrônômico e Geofísico de São Paulo.-Carta dos Excursionistas, Folha Campinas, 1:100 000, 1924
- 14-Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo.-Carta do Estado de São Paulo, Folha de Campinas, 1:100 000, 1925
- 15-Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo.-Carta do Estado de São Paulo, Folha Campinas, 1:250:000, 1954
- 16-Simpósio sobre o cerrado. São Paulo, Editôra da Universidade de São Paulo, 1963
- 17-Setzer, J.- Os solos do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro, CNG, 1949
- 18-Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Econômicas. Comissão de Solos do Ministério da Agricultura.- Levantamento de reconhecimento dos solos do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro, 1960
- 19-França, A.-A marcha do café e as frentes pioneiras. Rio de Janeiro, UGI - CNG, 1960
- 20-Abreu A.A. de.- Núcleos de colonização estrangeira no Estado de São Paulo. Orientação nº 4,66 a 72.- São Paulo, IGUSP, 1969
- 21-É provável que, anteriormente à cultura cafeeira tivesse ocorrido no local a cana-de-açúcar, entretanto a inexistência de fatos vinculados à esta atividade, os quais pudessem ser considerados como

elementos ponderáveis na paisagem, no momento da chegada dos imigrantes, levaram-nos a não dar ênfase a este respeito, como por outro lado não foi possível, também, a obtenção de dados que confirmassem o cultivo desta planta nos terrenos em questão.

22-Hack, H.- Dutch group settlement in Brazil. Amsterdam, Royal Tropical Institute, 1959

23-IDORT.- Núcleos de colonização holandesa no Estado de São Paulo e Paraná. São Paulo, IV Congresso Brasileiro de Organização Científica, 1964

Antes de qualquer tomada de posição, é necessário salientar-se que as observações que serão feitas, em seguida, têm um caráter mais de constatações preliminares, e, portanto, relativamente precárias, do que definitivas, as quais somente poderão ser alcançadas depois de estudos mais detalhados e após um lapso de tempo maior. Contudo, face aos tópicos abordados e os aspectos globais dos problemas propostos por Holambra, pode-se chegar a um número expressivo de verificações sobre este tipo de povoamento, o qual no Estado de São Paulo responsabilizou-se, apenas, por uma pequena parte dos imigrantes recebidos, embora deva-se reconhecer que sua influência no uso do solo é considerável, especialmente em certas regiões, como a que acabamos de abordar.

Para facilitar a exposição destas conclusões, far-se-á um apanhado geral esquemático, partindo-se do global para o particular, dos tópicos que julgamos poder abordar com maior segurança.

1º - Do ponto de vista da frequência com que ocorreu, salienta-se o caráter de exceção assumido por este tipo de colonização no Estado, o qual é refletido na quase ausência de certos padrões de conceituação na população regional, originados pela presença de iniciativas dessa natureza, contrastando com os demais Estados do Brasil Meridional. Isto fica patente, pois se o topônimo colônia é relativamente frequente no Estado de São Paulo ele reflete, além deste tipo de iniciativa no plano da colonização, também processos de outra natureza, além do que os termos colônia e colono (1) são pouco utilizados pelas populações da região para fatos interessando formas de ocupação das terras semelhantes à Holambra; geralmente referem-se ao núcleo holandês como fazenda (talvez em consequência de sua vida pretérita), reservando aos imigrantes e suas propriedades as expressões sítios e sitiantes, que são conceitos bem mais amplos e que designam, igualmente, outros tipos de pequenos agricultores (2).

2º - A alta produtividade alcançada nas terras ocupadas por Holambra prova as possibilidades agrícolas das terras recobertas por uma vegetação que não seja tipicamente florestal, desde que convenientemente tratadas através da adubação e práticas conservacionistas.

3º - Este núcleo de colonização é um bom exemplo das necessidades de planejamento e conhecimento das condições ecológicas e econômicas, para o desenvolvimento de uma agricultura evoluida. A fase inicial, caracterizada por um planejamento deficiente, evidencia por outro lado que Holambra nem sempre foi um paradigma a ser seguido, alcançando uma posição de destaque entre as iniciativas de povoamento recente com agricultores estrangeiros no Brasil só depois que, à luz dos erros cometidos, as falhas foram sanadas por uma revisão dos planos iniciais.

4º - A salubridade da população e suas taxas de natalidade e mortalidade, evidenciam a inexistência de obstáculos climáticos neste tipo de área, ao povoamento permanente com europeus. Pelo menos até o presente nada se registrou que pudesse indicar algo em contrário; deve-se ressaltar, todavia, a precariedade dessa observação face ao pequeno número de anos transcorridos desde a instalação desses imigrantes, embora a experiência paulista seja um argumento sólido para esta discussão. Deve-se ressaltar, aliás, que a própria região sofreu anteriormente etapas de povoamento com europeus, sendo que as mudanças ocorridas com estas populações autorizam um juízo favorável neste setor.

5º - As iniciativas dessa natureza não foram atingidas, até o presente momento, pela legislação sobre a posse da terra por estrangeiros (Decreto-Lei 494 de 10 de março de 1969), uma vez que esta matéria ainda não foi regulamentada. Ao lado disto deve-se assinalar a existência na Câmara Federal de projeto de lei do deputado paulista Herbert Levy abrindo novas perspectivas para a colonização, pois, faculta a compra de propriedade rural no território nacional a pessoas físicas ou jurídicas estrangeiras,

desde que, no prazo de doze meses após a aquisição seja apresentado plano de aproveitamento econômico da área ao INCRA ou de reflorestamento ao IBDF. De acordo com o texto em exame, tratando-se de agricultores filiados a cooperativas agrícolas dedicadas a imigração e colonização, as aquisições que não excedam 150 ha serão livres, exigida a presença, no ato da escritura do representante legal da cooperativa<sup>(3)</sup>.

6º - Este tipo de iniciativa requer, entretanto, uma assistência efetiva e constante. Holambra só não resultou em mais um fracasso na colonização do Brasil Meridional, provavelmente, pela interferência do governo e de associações dos Países Baixos, sentindo-se, claramente, a pouca presença nacional na orientação da colônia. Se nossos órgãos competentes, encarregados desses assuntos, tivessem feito sentir sua presença, talvez a evolução do estabelecimento se tivesse feito de outra forma, com o que os aspectos de comunidade relativamente fechada poderiam não ser tão acentuados. Em função desta assistência extra-nacional, aliás, passa para segundo plano, até certo ponto, a discussão interessando a validade ou não dessa iniciativa com agricultores nacionais ou estrangeiros; embora deva-se encarar a legitimidade de empreendimentos como Holambra, não se pode deixar de reconhecer a necessidade de uma participação efetiva de elementos nacionais em planos de colonização em vastas áreas, nas quais teriam, talvez, melhor papel estes núcleos com estrangeiros, na medida que se definissem como peças no processo global, não surgindo, portanto, como um objetivo em si mesmo, mas sim como instrumento da colonização em seu sentido mais amplo e onde as organizações do tipo cooperativista englobassem também colonos de outras procedências, mesmo que mantenham os núcleos coloniais estrangeiros uma composição étnica homogênea.

7º - Holambra determinou, claramente, o surgimento de novo padrão de povoamento e nova tipologia de uso do solo na Média Depressão Paleozóica, não só em seus aspectos formais, como também em seu dinamismo, refletido nos sistemas agrários, por exemplo, introduzindo padrões de compor

tamento que se destacam no conjunto das atividades agro-pecuárias da região.

8º - O sucesso econômico não encontra paralelo no processo de aculturação. Esta coletividade, organizada em grupo extremamente homogêneo, estruturada de per si, recebendo auxílios externos, inevitavelmente teria que apresentar um processo de aculturação bastante lento, face aos poucos contactos com a comunidade nacional, sendo que a escola secundária frequentada pelos adolescentes neerlandobrasileiros surge como o principal instrumento de integração social e cultural. É compreensível, portanto, que sua influência em relação ao papel que supostamente deveria representar, como instrumento de renovação das técnicas agrícolas na região, seja pequena e difícil de ser avaliada. A evolução de sua estrutura sócio-cultural é, ainda, uma questão aberta, embora não se possa falar, absolutamente, em "quisto racial" (o qual dificilmente poderá se definir pelo próprio caráter da região onde se localiza), pois o processo de aculturação, embora caminhando lentamente, evolui no sentido proposto por muitos dentro da própria comunidade (4): integração paulatina, com a manutenção, na medida do possível, dos aspectos fundamentais da bagagem cultural holandesa.

No conjunto a experiência foi positiva, sendo que quando mais não fôsse a presença deste tipo de população na região serve para dinamizar alguns setores da economia regional. A aculturação lenta, já destacada por Hack (5) e Van der Mast (6), parece ser um fenômeno transitório, o qual só poderá ser julgado com precisão nos próximos anos.

#### NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1. Como é de conhecimento geral estes vocábulos em São Paulo são associados aos fatos que interessam, geralmente, às grandes propriedades e à cafeicultura em particular.

2. Müller, Nice Lecocq - Sítios e sítiantes no Estado de São Paulo. São Paulo, F.F.C.L.U.S.P., 1951, Boletim 127, Geografia 7.
3. Câmara estuda venda de terras. São Paulo, O Estado de São Paulo, 6/9/1970.
4. Hongenboon, Ch. J.J. - Origens e desenvolvimento da colônia holandesa no Brasil. Jaguariuna, 1960.

O autor faz as seguintes observações neste impresso mimeografado sobre a origem e desenvolvimento da colônia holandesa no Brasil... "não importando o país para onde se dirige o imigrante, a assimilação deve ser guiada duma maneira, que o caráter da nação de origem não seja somente conservado, mas mesmo intensificado (p. 8)". Deve-se ressaltar que o Sr. Hongenboon é o presidente da "Cooperativa Agro-Pecuária Holambra".

5. Hack, H. - Dutch group settlement in Brazil. Amsterdam, Royal Tropical Institute, REMP Bulletin, vol.7, suppl. 4, 1959.

Neste aspecto vale a pena transcrever o seguinte trecho (p. 33): "The Dutch of Não-Me-Toques who know the difference between "open" and "closed" colonization from personal experience say: "At Holambra you'll never get to know Brazil". This remark certainly has a grain of truth. As a result the change from Holland to Brazil is not so striking for a Holambra immigrant who, travelling straight by car from Santos, arrives in a little Holland. One of the immigrants wrote about this "So far we are glad we chose Ribeirão. You immediately feel at home here, and don't miss much of the former Dutch milieu".

6. Mast, W. van der - - Praktijk en Patroon van Recente Nederlandse Groepsmigraties. Gronigen, P.Nordhoff N.V. 1963.

O autor faz um estudo profundo abordando a colonização em grupo com os agricultores holandeses, atribuindo pontos para cada um dos aspectos da integração da

colônia no país no qual ela se localizou; no cômputo geral a classificação dos núcleos, segundo o processo de aculturação e a organização social, é a seguinte:

1. Não-Me-Toque	56
2. Três Arroyos	54
3. Carambeí	51
4. Castrolanda	45
5. Kingston	44
6. Touraine	42
7. Ribeirão (Holambra)	39
8. Santo Antônio (Tronco)	38
9. Yonne	37
10. Châtillon-Coligny	33
11. Monte Alegre	27

Se Holambra não é a última da lista, está bastante distanciada de Não-Me-Toque, confirmando as palavras de Hack, evidenciando a grande diferença existente entre os dois tipos de núcleos de povoamento. Segundo Van der Mast, Holambra situa-se muito bem nas relações de trabalho, na organização da Igreja e no bem estar social, relativamente bem na instituição escolar e fraça ou mediocrementemente situada no relacionamento com a coletividade nacional, com o Estado e o Município.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

1. Bruman, Henry J. - Post-war agricultural colonization in Brazil. Los Angeles, Department of Geography, University of California, 1958.
2. Hack, H. - Dutch group settlement in Brazil. Amsterdam, Royal Tropical Institute, REMP Bulletin, vol.7, suppl. 4, 1959.
3. Hartmann, I.L. - De Landbouw in de Nederlandse nedersettingen in zuid Brasilië. Den Haag, Ministerie van Landbouw en Visserij, 1961.
4. Hengenboon, Ch.J.J. - Origens e desenvolvimento da colônia holandesa no Brasil. Jaguariuna, 1960.
5. Instituto de Organização Racional do Trabalho - Organização e desenvolvimento de empresas e núcleos agro-industriais. São Paulo, IV Congresso Brasileiro de Organização Científica, 1964.
6. Mast, W. van der - Praktijk en patroon van Recente Nederlandse groepsmigraties. Gronigen, P.Nordhoff N.V., 1963.
7. Perrin, Nadine - Uma colônia holandesa no Brasil. Rio de Janeiro, Revista Brasileira dos Municípios, 43/44, 1958.
8. Santen, Cornelius Marius Petrus van - Die Holländischen Bauernsiedlungen in Brasilien. São Paulo, Staden Jahrbuch, Instituto Hans Staden, 1966.

Observação: Há ainda uma longa lista de artigos e reportagens publicadas por jornais e revistas, sendo que entre êstes merecem destaque:

- a) "O Estado de São Paulo"; especialmente seu suplemento agrícola.
- b) "A Fôlha de São Paulo".

H O L A M B R A  
GEOGRAFIA AGRÁRIA - I.G. - DEPTO.GEOGRAFIA - USP  
1968

Observação-- solicite o inquérito que está em poder do proprietário.

Nome do proprietário: \_\_\_\_\_, n<sup>2</sup> do lote: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, área total: \_\_\_\_\_, data da ocupação: \_\_\_\_\_

I- HISTÓRICO DA PROPRIEDADE E DAS CULTURAS PASSADAS

1-Depois da ocupação deste lote comprou ou vendeu novas áreas? \_\_\_\_\_  
onde se localiza e qual a superfície? \_\_\_\_\_

2-O proprietário já cultivou ou cultiva outra parcela fora de seu lote? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, quando isto se deu e qual era sua condição? (proprietário, parceiro, assalariado, etc.) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, qual a área desta parcela, onde se localiza e o que cultivou? (cultiva ainda?) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, obteve bons resultados? \_\_\_\_\_

3-Quais as culturas que já foram praticadas em seu lote e no momento não são mais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, porque estes produtos não são mais cultivados? \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_

II- CULTURAS ATUAIS

A- Culturas temporárias

1- Cite em ordem decrescente as espécies cultivadas, a área aproximada de cada cultura, o ano em que se iniciou o plantio e o seu objetivo atual, (subsistência ou comércio):

Cultura	área aprox. (nº de pés)	ano de início	objetivo
1-			
2-			
3-			
4-			
5-			
6-			
7-			
8-			
9-			
10-			

2- Quanto ao sistema agrícola praticado, há rotação? \_\_\_\_\_, essa rotação é de terras ou de culturas? \_\_\_\_\_

3- Há área em pousio? \_\_\_\_\_, qual é sua superfície? \_\_\_\_\_

4- Comumente quantos e quais produtos entram na rotação? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, a rotação destes produtos é sempre a mesma? \_\_\_\_\_, há algum produto que só entra de vez em quando na rotação? \_\_\_\_\_, quais são estes produtos? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, por que eles não aparecem sempre na rotação? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5-Observações: \_\_\_\_\_

B- C u l t u r a s p e r m a n e n t e s

1-Cite em ordem decrescente as espécies cultivadas, a área aproximada de cada cultura, o ano em que se iniciou o plantio e o seu objetivo atual, (subsistência ou comércio):

Cultura	superfície e nº de pés	ano de início	objetivo
1-			
2-			
3-			
4-			
5-			
6-			
7-			
8-			
9-			
10-			

2-Já houve alguma outra cultura permanente não mencionada acima? \_\_\_\_\_, qual? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, porque foi abandonada? \_\_\_\_\_

3-Observações: \_\_\_\_\_

III- CALENDÁRIO DAS ATIVIDADES RURAIS

(Procure anotar, detalhadamente se possível, a época de plantio dos diferentes produtos, sua época de colheita, os diferentes tratamentos culturais e a época do ano em que são realizados, bem como outras atividades sociais)

---

Época do ano

Atividades

---

Janeiro:

---

Fevereiro:

---

Março:

---

Abril:

---

Maior:

---

Junho:

---

Julho:

---

Agosto:

---

Setembro:

5

Outubro:

Novembro:

Dezembro:

Observações:

#### IV- CRIAÇÃO

##### A- P a s t a g e n s

1- Qual a área de pastagens atuais? \_\_\_\_\_, anteriormente qual era a área ocupada pelas pastagens? \_\_\_\_\_, quando e porque houve mudança na área de pastos? \_\_\_\_\_

2- A pastagem é natural ou cultivada? \_\_\_\_\_, sendo cultivada qual é a espécie ou gênero plantado? \_\_\_\_\_

3- Como foram formadas as pastagens? a) substituíram áreas de culturas? \_\_\_\_\_, b) substituíram matas ou capoeiras? \_\_\_\_\_

4- São adubadas? \_\_\_\_\_, com que? \_\_\_\_\_

5- Há utilização de alguma técnica para combater a erosão? \_\_\_\_\_, qual? \_\_\_\_\_; são irrigadas? \_\_\_\_\_, com que sistema? \_\_\_\_\_

6- Há rodízio de pastos? \_\_\_\_\_, quantos pastos são e como se faz o rodízio? \_\_\_\_\_

7-Qual a área de cada pasto? \_\_\_\_\_, qual a lotação de cada pasto-

a) no período da seca? \_\_\_\_\_, b) no período das chuvas? \_\_\_\_\_

8-Observações: \_\_\_\_\_

### B- B o v i n o s

1-Quais as raças e o nº de cabeças respectivas? \_\_\_\_\_

2-Como e quando foi iniciado este plantel? \_\_\_\_\_

3-Qual o objetivo atual deste rebanho? \_\_\_\_\_, o objetivo inicial era este? \_\_\_\_\_

4-Em 1967 quais foram os produtos obtidos desta criação?(se possível cite o volume e o valor da produção) \_\_\_\_\_

5-No último ano quanto foi gasto com os animais? \_\_\_\_\_

6-Anteriormente a criação de bovinos teve um papel mais importante? \_\_\_\_\_, porque não é mais assim? \_\_\_\_\_

7-Observações: \_\_\_\_\_

### C- S u i n o s

1-Qual é a raça? \_\_\_\_\_, qual o nº de leitões e leitoadas? \_\_\_\_\_, porcas reprodutoras? \_\_\_\_\_, varrões? \_\_\_\_\_, para engorda? \_\_\_\_\_

2-Qual é o objetivo desta criação? \_\_\_\_\_, o objetivo foi sempre este? \_\_\_\_\_

3-Como iniciou este plantel? \_\_\_\_\_

4-Em 1967 qual foi a produção? (se possível cite volume e valor)\_\_\_\_\_

5-No último ano quanto foi gasto com os animais?\_\_\_\_\_

6-Observações:\_\_\_\_\_

D- Aves

1-Quais as raças e o nº de cabeças respectivas?\_\_\_\_\_

2-Qual o objetivo desta criação?\_\_\_\_\_

3-Quando e como foi iniciada? (ano, quantidade inicial, de quem e como - foi adquirida, finalidade inicial - mencione sempre a raça a que se refere)\_\_\_\_\_

4-Quais são os produtos obtidos e em que quantidade?\_\_\_\_\_

5-A produção tem sido sempre esta?\_\_\_\_\_, como tem variado nos últimos anos e porque tem variado?\_\_\_\_\_

6-Quais as perspectivas desta atividade para os próximos anos?\_\_\_\_\_, porque?\_\_\_\_\_

7-Qual é a produção diária aproximada de ovos? (especifique a raça)\_\_\_\_\_ , em média qual o nº de aves que envia para serem abatidas mensalmente?\_\_\_\_\_

8-Observações:\_\_\_\_\_

E- Quais são os outros animais que são criados, em que nº são e para que servem? \_\_\_\_\_

V- MÃO DE OBRA.

1-Discrimine no quadro abaixo a mão de obra empregada na propriedade. Na "condição" especifique se é mensalista ou diarista, se for diarista anote se é com ou sem refeição.

Idade	Sexo	Nac.	Condição	Salário	Função	época do ano em que trabalha

2-De onde vem esta mão de obra? \_\_\_\_\_

3-Dos empregados, há algum que esta na propriedade há mais de um ano? \_\_\_\_\_, quem é e qual sua situação? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, desde quando está na propriedade? \_\_\_\_\_

4-Há problemas com a mão de obra? \_\_\_\_\_, quais? \_\_\_\_\_

5-Quais são os membros da família do proprietário que trabalham e quais as funções que exercem? \_\_\_\_\_

6-Observações: \_\_\_\_\_

VI- ASSISTÊNCIA TÉCNICA

1-De quem recebe instruções? \_\_\_\_\_, os resultados destas instruções foram sempre bons? \_\_\_\_\_, onde houve falhas e porque? \_\_\_\_\_

2-Relacione todos os implementos agrícolas que possui, mencionando como é feita sua conservação: \_\_\_\_\_

3-Como e onde adquiriu estes instrumentos? \_\_\_\_\_

4-Além dos instrumentos de sua propriedade, utiliza-se de outros? \_\_\_\_\_, quais? \_\_\_\_\_, a quem pertencem e sob quais condições é possível seu uso? \_\_\_\_\_

5-Participa das reuniões promovidas pela Cooperativa A.P.Holanbra? \_\_\_\_\_

6-Qual sua opinião sobre a atuação da cooperativa? \_\_\_\_\_

7-Pensou em algum momento em deixar a cooperativa? \_\_\_\_\_, porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, já se desligou alguma vez da cooperativa? \_\_\_\_\_ porquê retornou? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, pensa em retornar? \_\_\_\_\_ porquê? \_\_\_\_\_

8-Além da orientação e assistência dadas pela Cooperativa, recebe instruções de outras fontes? \_\_\_\_\_, quais? \_\_\_\_\_

9-Os gêneros que a Cooperativa não fornece, onde são adquiridos? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, porque escolheu este local? \_\_\_\_\_

10-Quais são os aparelhos eletro-domésticos que possui e onde foram adquiridos? \_\_\_\_\_

11-Quais são os veículos da propriedade e onde foram adquiridos? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, receberam financiamento para esta compra? \_\_\_\_\_, de quem  
e como? \_\_\_\_\_

12-Quais os meios de transportes usuais para o transporte de pessoas? \_\_\_\_\_

13-Assina algum jornal ou revista? \_\_\_\_\_, qual? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, de onde recebe?  
\_\_\_\_\_

14-Observações: \_\_\_\_\_

Nome do entrevistador: \_\_\_\_\_

Data em que foi aplicado: \_\_\_\_\_



7- Qual o capital que o proprietário trouxe da Holanda? \_\_\_\_\_, como ele foi gasto na instalação da família em HOLLAMBRA? \_\_\_\_\_

8- Quais os instrumentos e utensílios que trouxe consigo para o Brasil? \_\_\_\_\_

9- Alguém da família já voltou à Holanda? \_\_\_\_\_, por que motivo? \_\_\_\_\_

10- Em algum momento já pensou em retornar para a Holanda? \_\_\_\_\_, por que? \_\_\_\_\_

11- Algum membro da família já saiu de HOLLAMBRA para instalar-se em outra parte do país? \_\_\_\_\_, quem e para que lugar se dirigiu? \_\_\_\_\_

12- Todos os membros da família falam português? \_\_\_\_\_, quem não fala? \_\_\_\_\_, em casa qual é o idioma ou dialeto usado diariamente? \_\_\_\_\_

13- Há membros da família estudando? \_\_\_\_\_, quantos frequentam a escola primária estadual? \_\_\_\_\_, quantos frequentam a escola holandesa? \_\_\_\_\_ em qual delas apresentam melhor aproveitamento? \_\_\_\_\_ por que? \_\_\_\_\_

14- Há estudantes no curso secundário? \_\_\_\_\_, quantos? \_\_\_\_\_ qual o curso e o grau? \_\_\_\_\_, em que cidade se localiza este ginásio? \_\_\_\_\_, por que preferiu esta cidade? \_\_\_\_\_, qual o meio de transporte utilizado para levar as crianças à escola? \_\_\_\_\_

15- Há estudantes no curso superior? \_\_\_\_\_, quantos? \_\_\_\_\_, qual o curso e o grau? \_\_\_\_\_, em que cidade se localiza esta escola? \_\_\_\_\_

16- Há membros da família que participam de alguma associação? (escotismo, clubes esportivos, associações religiosas, etc.) \_\_\_\_\_, quem? \_\_\_\_\_, qual é a associação e qual o seu objetivo? \_\_\_\_\_

17-A família possui algum parente fora de HOLAMBRA? \_\_\_\_\_, onde? \_\_\_\_\_

18-Há membros da família casado com pessoas de origem não holandesa? \_\_\_\_\_ quem? \_\_\_\_\_

19-De onde é esta pessoa e qual sua ascendência? (alemã, italiana, sueca, portuguesa, etc.) \_\_\_\_\_

20-Das cidades vizinhas em qual possui maior número de amigos e conhecidos? \_\_\_\_\_, porquê? \_\_\_\_\_

21-Em qual cidade compra os produtos que a Cooperativa não vende? \_\_\_\_\_, quais são estes produtos? \_\_\_\_\_, porque preferiu esta cidade? \_\_\_\_\_

22-Qual a opinião da família com as mudanças resultantes da imigração para o Brasil? \_\_\_\_\_

23-Utilize o espaço abaixo para fazer observações que o Sr. ache necessário. \_\_\_\_\_

24-Data na qual este questionário foi respondido: \_\_\_\_\_